



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



**PRECONCEITO X CRESCIMENTO DA EDUCAÇÃO À
DISTÂNCIA NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO FRENTE À
REALIDADE DA UnB/UAB NO CURSO DE PEDAGOGIA**

NÁDIA PEREIRA DA SILVA ALMEIDA

BRASÍLIA – 2013

NÁDIA PEREIRA DA SILVA ALMEIDA

**PRECONCEITO X CRESCIMENTO DA EDUCAÇÃO À
DISTÂNCIA NO BRASIL: UMA DISCUSSÃO FRENTE À
REALIDADE DA UnB/UAB NO CURSO DE PEDAGOGIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da professora doutora Raquel de Almeida Moraes.

BRASÍLIA, 2013

ALMEIDA, Nádia Pereira da Silva. Preconceito x crescimento da educação à distância no Brasil: Uma discussão frente à realidade da UnB/UAB no curso de pedagogia, Brasília-DF, dezembro de 2013. 68 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB/UAB

PRECONCEITO X CRESCIMENTO DA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NO BRASIL - UMA DISCUSSÃO FRENTE À REALIDADE DA UnB/UAB NO CURSO DE PEDAGOGIA

NÁDIA PEREIRA DA SILVA ALMEIDA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da professora doutora Raquel de Almeida Moraes.

Membros da Banca Examinadora:

Professora Orientadora Dra. Raquel de Almeida Moraes

Professora Dra. Magalis B. Dorneles Schneider

Professora Tutora Esp. Ana Cristina Rodrigues Pereira

Dedico...

A Deus, meu Senhor, a minha mais bela razão de existir.

A Jesus Cristo, meu Salvador fiel, que nunca desiste de mim.

Ao Espírito Santo, meu fiel consolador e inspirador.

Ao meu esposo por me dividir com o computador.

Ao meu filho, meu amigo, incentivador e companheiro.

A minha mãe pelo incentivo e amor.

Aos meus irmãos pelo amor e pela compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, pela oportunidade que me concedeu de realizar um dos meus maiores sonhos: fazer uma graduação. Agradeço, também, por ter me ajudado nesta jornada.

Ao meu esposo, Mackenzie, pelo incentivo e por não se importar em me dividir com o computador. Ao meu filho, Vitor Mackenzie, pelo incentivo e pelo companheirismo, inclusive nos encontros presenciais.

A minha mãe, Ana Ester, uma das pessoas que mais me ajudou, inclusive me presenteando com o *notebook* no início do curso.

Aos meus irmãos, Emerson Kroniêques, Kleber Reis e Neiva e suas respectivas famílias, pelo amor e por não cobrar as minhas muitas ausências em função dos estudos.

Aos meus amigos/irmãos Gláucia, Valério, Luisa, Elizete, Ceissa, Margareth, Joanete, Pr. Alcides, Pr. Luciano, Pr. Marcos, Maria Auxiliadora, Paulo, Amanda... Pessoas que contribuíram imensamente com o meu aprendizado durante os últimos anos. Em especial, à Gezeli e Clarissa, minhas amigas/irmãs, pela revisão dos textos.

As minhas colegas de curso, Fernanda, Luzinete, Lucimar, Janete, Ângela, Marcelisia, Marcilene, Nilza e Azenete, companheiras de aprendizado, luta e perseverança.

As minhas queridas tutoras, Daniele Mercês, Vânia, Cleonice, Vilma, Cinthya, Lúcia Brandão, Edicarma, Clarisse, Luciana, Laila e Ana Cristina, pessoas que contribuíram com o meu estudo/aprendizado e marcaram profundamente minha vida.

Ao meu querido amigo e tutor presencial, Jorge Ramos, pelo seu companheirismo, dedicação, incentivo e paciência.

Aos tantos professores que tivemos ao longo do curso, de forma especial, a Cristina Maria, Maria Alexandra e a Raquel, pela presença no Ambiente Virtual de Aprendizagem.

À Universidade de Brasília e à Universidade Aberta do Brasil, pela oportunidade de estudo e crescimento.

Recebam o meu muito obrigado!

*“O medo é um preconceito dos nervos. E um preconceito,
desfaz-se, basta uma simples reflexão.”*

Machado de Assis

RESUMO

O predomínio do preconceito na educação à distância tem se tornado um agente de preocupação. Em função disso, este trabalho procura fazer uma discussão frente à realidade da UnB/UAB, no contexto do Curso de Pedagogia. Para isso, foi construído um panorama histórico da EaD no Brasil e no mundo, bem como apresentada a sua evolução ao longo dos tempos. Consoante a isso, a questão do preconceito foi abordada com o intuito de trazer ao leitor uma reflexão sobre a temática, principalmente por se acreditar na existência da relação e influência do preconceito em função do crescimento da EaD. Essa hipótese também gerou a investigação dos motivos do preconceito e de possíveis contradições em relação à EaD. A metodologia de pesquisa está embasada na perspectiva qualitativa, que está dividida em duas etapas: a análise de conteúdos e a pesquisa de campo. Para tanto, foram selecionados dados em bases eletrônicas, além da aplicação de questionários para alunos do Curso de Pedagogia da UnB - EaD e presencial. O tratamento dos dados se deu através da análise do conteúdo, por meio da qual se constatou a contradição entre preconceito e crescimento da EaD. Por fim, a pesquisa traz para o leitor uma reflexão sobre a realidade da EaD no Brasil, bem como esclarece esta modalidade de ensino e sua evolução histórica.

Palavras-chave: Educação à distância; Preconceito; Qualidade.

ABREVIACÕES

ABT - Associação Brasileira de Tele-Educação

ANDIFES - Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior

AVA - Ambiente Virtual de Aprendizagem

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAD - Centro de Educação à Distância

CEMA - Centro Educativo do Maranhão

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNED - Centro Nacional de Ensino a Distância na França

DED - Diretoria de Educação a Distância

EaD - Educação a Distância

ENADE - Exame Nacional de Desempenho de Estudantes

EUA – Estados Unidos da América

FCBTVE - Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa

FE - Faculdade de Educação

GDF - Governo do Distrito Federal

IES - Instituições de Educação Superior

IFES - Instituições Federais de Ensino Superior

IFET - Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia

INEMAD - Instituto Nacional de Ensino Médio a Distância

IPES - Instituições Públicas de Ensino Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC - Ministério da Educação e Cultura

MOODLE - *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

PED - Programa de Ensino à Distância

SEED - Secretaria de Educação a Distância

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC – Serviço Social do Comércio

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

TV – Televisão

TVE – Televisão Educativa

UAB - Universidade Aberta do Brasil

UnB - Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNISA - Universidade de Sudafrica

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO	14
2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO	20
1. INTRODUÇÃO.....	20
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	22
2.1 O QUE É A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	22
2.1.1 Surgimento da educação à distância.....	27
2.1.2 A Educação à distância no mundo	31
2.1.3 Educação à distância no Brasil.....	33
2.2 HISTÓRICO DA UAB E DA EaD NA UnB: O DESPONTAR DE UMA NOVA POSSIBILIDADE HISTÓRICA.	37
2.3 PRECONCEITO X CRESCIMENTO DO ENSINO À DISTÂNCIA.....	40
3. OBJETIVOS	43
4. METODOLOGIA.....	44
4.1 – CONTEXTO DE PESQUISA	45
4.2 - PARTICIPANTES DA PESQUISA	45
4.3 - PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	46
4.3.1 Contatos iniciais.....	46
4.3.2 Instrumentos e técnicas	46
4.3.2.1 Questionário	46
4.4 - PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	47
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	48
5.1 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: ALUNOS EaD.	48
5.2 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS - ALUNOS PRESENCIAIS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	60

REFERÊNCIAS	61
APENDICE A: QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES DA MODALIDADE À DISTÂNCIA.....	65
APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES DA MODALIDADE PRESENCIAL	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gerações da EaD.....	28
Quadro 2: Marcos históricos sobre EaD.....	32
Quadro 3: Marcos históricos nacionais	35
Quadro 4: Respondentes que acreditam que a EaD sofre algum tipo de preconceito	48
Quadro 5: Frequência de respostas	49
Quadro 6: Respondentes que acreditam na qualidade de cursos EaD	51
Quadro 7: Frequência de respostas	51
Quadro 8: Respondentes que acreditam que a EaD sofre algum tipo de preconceito	53
Quadro 9: Frequência de respostas	54
Quadro 10: Respondentes que acreditam que os curso EaD tem qualidade.....	56
Quadro 11: Frequência de respostas	56

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

Eu, Nádia Pereira da Silva Almeida, nasci no Brasil em 30 de novembro de 1975 na capital do país, mas fui registrada em uma cidade pequena do interior de Goiás, chamada Cabeceiras – que ficava próxima da fazenda onde meus pais moravam. Sou a filha mais velha de um total de quatro irmãos, filhos de José Pereira da Silva e Ana Ester Amâncio da Silva, trabalhadores rurais. Minha mãe conta que meu pai só sabia escrever o nome, e que talvez tenha estudado até a terceira série do ensino fundamental. Já minha mãe estudou um pouquinho mais, fez até a sexta série.

Quando me dei por gente, por volta dos cinco anos de idade, morava em uma fazenda no interior do estado de Goiás, longe de tudo e de todos. Nessa época, por volta do ano de 1980, meu pai já estava com a saúde comprometida, apesar de sua pouca idade (30 anos). Colocar os filhos em uma escola era sinônimo de dificuldades. Para que isso acontecesse, teríamos que ir morar na casa de algum parente na cidade.

Quando estava com apenas sete anos de idade fiquei órfã de pai e muito revoltada com ele, pois no meu coração era como se ele tivesse escolhido morrer. Meu pai faleceu aos 33 anos, deixando minha mãe viúva aos 28 anos, e com quatro crianças pequenas – sendo que a mais nova tinha sete meses de vida. Por muitas vezes pensava que se tivesse um pai isso ou aquilo não estaria acontecendo, ou tal pessoa não faria isso ou aquilo comigo. Esses pensamentos vinham quando acontecia algo de que não gostava, ou por estar sofrendo rejeições e preconceitos por ser órfã – o que normalmente vinha de alguns parentes com quem me relacionava.

Depois do falecimento do meu pai fiquei algum tempo morando na fazenda com minha mãe, meus irmãos e um tio paterno – que foi morar conosco para ajudar com a plantação que meu pai havia deixado. Minha mãe ficou desorientada com a perda do meu pai e acabou ficando com depressão, o que me fez tomar a frente do cuidado dos meus irmãos e da casa. No entanto, quando estava com oito anos não restou alternativa, teria que sair de casa e morar longe da minha família para estudar. Minha trajetória escolar começaria ali.

A primeira experiência de ir morar com uma tia paterna não deu certo. Por isso, voltei para a fazenda e perdi o primeiro ano de estudo. No ano seguinte fui para Formosa (GO) trabalhar na casa de uma mulher para cuidar de duas crianças e arrumar a casa, tendo em troca, um lugar para viver e estudar. Depois disso, fui morar na casa de outra tia materna.

Muitas foram as dificuldades e as vezes em que tive que abandonar a escola por estar de casa em casa. Amava estudar e, cada vez que tinha que interromper os estudos era um

sofrimento para mim. Passei por várias escolas, muitos acontecimentos e vitórias. Vitórias não! Lendo um livro descobri que o que tive foram triunfos, pois o triunfo vai além da vitória. Vitória é ganhar batalhas e triunfar é voltar pra casa depois das batalhas ganhas com algo mais do que tinha antes, ou seja, com os despojos – e é assim que me sinto: triunfante! Voltando!

Lembro-me de quando minha mãe vendeu a fazenda e fomos morar na cidade. Ela me matriculou em uma escola que ficava em Formosa. Como eu estava bem atrasada por causa das idas e vindas sem completar nem mesmo a primeira série, aquele ano foi muito difícil para mim. Quantas vezes tive que ficar sentada à mesa para fazer meus deveres e estudar além do que a professora estava ensinando... Aliás, essa foi a condição para que me aceitassem no segundo ano, de modo a não ficar mais prejudicada do que já estava. Isso aconteceu quando eu estava com nove anos, no ano de 1984.

Algum tempo depois minha mãe começou a namorar um argentino e em pouco tempo foi morar com ele em uma chácara que ficava em um bairro distante do centro de Formosa. Inicialmente ele não quis levar meus irmãos e eu e assim minha mãe se dividia em duas casas. Com o tempo, ele resolveu que dava menos trabalho se fossemos todos para a chácara. Por não me adaptar a essa convivência resolvi ir morar com outra tia paterna que havia ganhado neném. Com a desculpa de ir cuidar da criança saí de casa o mais rápido possível. Com doze anos, mudei para a cidade de Cabeceiras de Goiás. Naquela fase a única coisa boa na minha vida era a escola. Amava os lanches que nunca mais terão aqueles sabores de infância. Estudava na escola Padre Lamberto *Verrijt*, a que mais marcou a minha vida, apesar de ter completado nela apenas duas séries: a quarta e a sétima.

Na quarta série tive uma professora maravilhosa. Seu nome é Francisca - a Chiquinha. No início do ano passado, depois de muitos sem vê-la, tive o privilégio encontrá-la. Foi emocionante! Conversamos muito! A Chiquinha me fazia alçar sonhos altos na leitura de livros que fazia para a turma, sendo que, na melhor parte, ela interrompia deixando todos na expectativa até o dia seguinte, propositadamente – só para aguçar a curiosidade e o desejo pela leitura em seus alunos. Entre os livros lidos, os de que ainda me lembro, são três: Meu pé de laranja lima (de José Mauro de Vasconcelos), Sozinha no mundo (de Marcos Rey) e A ilha perdida (de Maria José Dupré). Identifiquei-me muito com Sozinha no mundo, pois era assim mesmo que eu me sentia. A diferença era que Pimpa, a personagem principal, era rica e eu muito pobre.

Lembro-me de estudar e ler meus livros à noite, à luz de velas. Meus tios brigavam comigo o tempo todo, dizendo que ler tanto iria “estragar” os meus olhos verdes. Como

criança, me projetava no futuro, fazia planos todo tempo, queria aprender e aprender, fazer e acontecer (aquelas coisas de infância, de viver as melhores experiências da vida com intensidade). Queria sair do meu ambiente e ir a outros lugares desconhecidos, inusitados e inesperados! Tudo acontecia através das leituras.

Na sétima série, por ser muito dedicada e apaixonada por estudar, caprichava nos trabalhos e fazia das capas verdadeiras obras de arte. Houve um trabalho em que deveríamos fazer um livro e eu verdadeiramente o confeccionei, elaborando gravura por gravura a mão. Desenhava muito bem, embora copiando e não sendo nada da minha própria cabeça. Ficou muito bom e a professora me deu nota máxima. Nem me lembro qual era a professora ou a disciplina. Como eu queria ainda ter aquele livro! Mas ele, ficou na casa da minha tia que o jogou fora. Lembro-me também que ganhei uma competição de tabuada na qual todas as séries da escola participaram, inclusive o segundo grau – hoje ensino médio. Nessa época, os professores usavam os meus cadernos como referencial para os alunos do extinto magistério, pois eram extremamente organizados.

Lembro-me que sublinhava as palavras importantes com duas cores de canetas, em traços ondulados como os marcados automaticamente no computador, no Microsoft Word - quando uma palavra está escrita errada. Desenhava pequenas flores e borboletas em todas as páginas de forma delicada. Gostaria de ter também os meus cadernos! Lavava as mãos o tempo todo para não sujar meus cadernos e livros. Naquela época, meu material de escola era apenas caderno de capa simples e quatro canetas de cores diferentes. Quando precisava de lápis de cor pegava emprestado com os colegas ou usava os dos meus primos.

Acabei concluindo a sétima série em São Paulo, pois outro tio me levou para morar com ele. Lá tive uma professora de matemática terrível. Lembro-me de um dia em que estava em uma de suas aulas e tocou o sino – a aula seguinte seria inglês. Ela já estava na porta quando me viu mudando de matéria no caderno. Então, voltou até minha carteira e arrancou a página – que era de um dever de casa que valeria nota. Depois disso saiu com a folha do meu caderno na mão amassando-a e jogou-a na lata de lixo. Fiquei imóvel, sem saber o que fazer. Não precisei falar uma palavra para o professor de inglês sobre o que aconteceu, pois a sala toda falou em meu favor.

Essa professora quase me fez odiar matemática. A partir desse episódio, ela me fazia ir até o quadro para resolver questões-desafios em todas as aulas. Com isso, tive que estudar matemática com mais afinco e provei para a professora que eu não era uma péssima aluna como ela julgava, simplesmente por ter vindo do interior de Goiás. Com o passar dos meses a nossa relação foi se modificando e ao término do ano letivo já nos gostávamos.

Naquela fase, minha mãe se separou do argentino, resolveu voltar a estudar e conseguiu um emprego de professora da zona rural pela prefeitura de Formosa. Nossas vidas melhoraram um pouco. Voltei para Formosa para viver com minha mãe e meus irmãos. Tinha quinze anos e estava cursando a oitava série. Comecei a namorar um homem que convenceu a minha mãe a me colocar em uma escola particular. A escola era ótima, filiada à rede de Colégios Objetivo. Os professores eram maravilhosos! Confesso que eu fazia de tudo por estudar. Ficava maravilhada com as aulas de literatura do professor Carlinhos; matemática com o Rosenberg; e história com o professor Lustosa – que inclusive já encontrei por aqui, no DF, alguns anos depois, nos cursinhos preparatórios para concursos.

Quem pagava boa parte da mensalidade do colégio era esse namorado. Ocorreram algumas coisas que me fizeram ir morar com ele. Depois disso, ele mudou radicalmente e me impediu de continuar a estudar. O resultado foram mais dois anos de atraso na escola. Acabei esse relacionamento e voltei a estudar em 94. Precisava terminar o segundo grau. Voltei a estudar no Objetivo com o intuito de passar no vestibular da UnB. Por isso, optei pelo científico e me dedicava muito. Voltei a me deliciar em cada aula. Agora tinha química, física e biologia. Conheci outro homem, meu esposo. Comecei a namorar, casei, engravidei... E tudo mudou.

No terceiro ano tive que estudar a noite em uma escola pública, por causa do meu bebê e da dificuldade financeira. Aos dezenove anos, enfim, consegui terminar o segundo grau. A essa altura, já era mãe de um bebê de quase um ano. Realmente foi difícil conseguir terminar o segundo grau. Quatorze anos se passaram e só em 2009 retomei meus estudos – que tinham ficado de lado por causa da maternidade. Como passei no vestibular, estou eu aqui, estudando o décimo semestre do curso de pedagogia na UnB/UAB. Muitos altos e baixos aconteceram, muitos colegas abandonaram o curso e todos os outros pensaram em desistir também – o que não foi diferente comigo. Acredito que até o sétimo semestre pensava em desistir quase todos os dias, apesar de amar estudar e amar mais ainda a educação à distância - EaD.

Comecei o Curso de Pedagogia nessa modalidade com um enorme medo. Medo do computador, da *internet* e pensando que essa modalidade seria frágil e simples ao ponto de nos deixar à margem da educação de qualidade. Hoje estou simplesmente apaixonada pela EaD, certa de que nada do que me fizeram pensar estava correto. Ao contrário, esta modalidade nos capacita de verdade, pois nos coloca em um mundo de construção de conhecimentos colaborativo, participativo, cooperativo e coletivo, que nos leva à formação de uma verdadeira rede de saberes.

No entanto, nessa modalidade só permanecem realmente aqueles que apostam em sua educação e fazem de tudo para avançar. É necessário ser maduro e focado, pois é uma modalidade que exige do aluno disciplina, iniciativa e autonomia. Fui percebendo esses fatos e tomando consciência deles aos poucos. Os dois primeiros semestres do curso foram muito difíceis, principalmente para conciliar estudo e deveres normais de uma dona de casa, mãe, esposa e trabalhadora. Além disso, precisava dominar um touro bravo e chifrudo: o computador. Problemas de BIOS (baita idiota operando o sistema) aconteciam todos os dias. Enfim, a fase de analfabetismo digital passou, ainda que não completamente, pois de vez em quando um ou outro problema vem à tona novamente.

No decorrer do curso, algumas disciplinas, professoras e tutoras deixaram marcas maravilhosas, como foi o caso das disciplinas Língua Materna; Educação Matemática; Ensino de Ciências e Tecnologias; Educação à Distância; Processos de Alfabetização; Educação em Geografia e Avaliação das Organizações Educativas; esta última considero de importância singular para o currículo do curso. Em contrapartida, tivemos algumas disciplinas das quais nem gosto de lembrar que precisei passar por elas, como é o caso de Antropologia e Educação e o Projeto 3, no qual reprovei na Fase 2 – não por falta de esforço e compromisso da minha parte. Essa reprovação me fez pensar em abandonar o curso, pois me trouxe muita tristeza, principalmente por saber que dei o meu melhor, me esforcei, tinha notas para passar... Mas um desabafo brincalhão que fiz por volta de duas e meia da madrugada – em um momento de cansaço, sono e esgotamento físico, em que fiz uma postagem indevida no diário de bordo – causou a mudança das minhas notas e, conseqüentemente, a única reprovação durante todo o curso.

Nos sétimo e oitavo semestres, vieram os estágios obrigatórios: a primeira fase no campo da educação inclusiva, e a segunda no ensino fundamental, mais especificamente, no quarto ano. Analisando a trajetória do curso, considero que o estágio foi de extrema importância, apesar de exaustivo e burocrático, por inserir o graduando em um contexto em que tem a oportunidade de aliar teoria e prática de forma experiencial, tornando, assim, o aprendizado mais significativo. Diante de tudo que vivenciei, fica a pergunta: o resultado disso tudo? Quero me aprofundar e não sair mais da EaD! Assim, estarei me preparando para atuar como pedagoga. O Curso de Pedagogia, para mim, representou a possibilidade de crescimento pessoal, profissional e intelectual – tudo que sempre almejei desde a infância. Ao longo da minha vida e contrariando o que diz Freud, aprendi a não ser dependente nem de pais nem de professores. Contudo, essa escolha aconteceu com muitas dificuldades, é claro! Entretanto, concordo que o aluno deve caminhar da paixão pelo professor para a paixão pelo

conhecimento. Eu me apaixonei por alguns professores, como é o caso da Chiquinha. E ela fez com que eu me apaixonasse pelo conhecimento.

Através das minhas experiências escolares vejo os professores, hoje, como pessoas usadas para o crescimento pessoal de cada aluno. Em minha vida, foram pessoas anônimas que me fizeram crescer, e assim, anonimamente, quero ressignificar os papéis dos professores e o meu próprio papel. Por tudo que passei para chegar até aqui, percebo que as escolas de Cabeceiras, de Formosa e de São Paulo, como instituições formais, e seus professores, marcaram a minha vida - além de influenciar-me como modelo a seguir ou não, abrindo assim minha mente para uma vivência em um contexto social – o que me faz entender e ver o mundo e a sociedade de uma forma mais equilibrada, sensata e misericordiosa.

Minha visão da educação, hoje, está baseada no pensamento de que apenas ela pode trazer transformações consistentes para a vida das pessoas, como tem acontecido comigo, apesar de a educação de nosso país estar em colapso por falta de investimentos e por nossos governantes não darem a ela a devida importância. Quanto às nossas escolas, percebo que a maior parte delas fazem o que podem para atender a grande demanda de alunos. Diante disso, o que nos resta, como estudantes e futuros pedagogos, é dar o nosso melhor em tudo o que fizermos. É essencial traçar metas e almejar, sempre, a transformação de vidas e, conseqüentemente, da sociedade brasileira.

“Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo.” (Colossenses 3:23, 24)

“Com efeito, grandes coisas fez o SENHOR por nós; por isso estamos alegres.” (Salmo 126:3)

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

1. INTRODUÇÃO

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”

Paulo Freire

O presente trabalho visa tratar da questão do preconceito e do crescimento da educação à distância no Brasil, estabelecendo uma discussão frente à realidade da UnB/UAB no Curso de Pedagogia. Para tanto, foi feito um panorama histórico da EaD no Brasil e no mundo, bem como uma reflexão sobre a sua evolução ao longo dos tempos. Consoante a isso, a questão do preconceito foi abordada com o intuito de trazer ao leitor uma reflexão a respeito da realidade da educação a distância. Diante disso, emergiu a questão da relação existente entre preconceito e crescimento dessa modalidade no Brasil - aspecto que será discutido ao longo desse estudo.

Este estudo justifica-se pela necessidade, cada vez mais urgente, de se repensar o papel da EaD nos dias atuais e a qualidade dessa modalidade, a partir das informações geradas nesta pesquisa. Com base no exposto, os objetivos foram: investigar os motivos do preconceito na educação à distância – com o intuito de trazer esclarecimentos sobre esta modalidade de ensino, bem como discutir sobre o seu crescimento. Além disso, procurou-se promover uma reflexão frente à história da EaD no Brasil; investigar quais os motivos que levam ao preconceito e suas implicações; e investigar se a educação à distância promove melhorias frente aos problemas educacionais do Brasil.

Espera-se por meio deste trabalho, contribuir no sentido de trazer conhecimento e esclarecimentos sobre a EaD a partir da amostra deste estudo, o que trará contribuições em nível acadêmico e profissional para alunos e a comunidade em geral.

Constituem, também, este estudo, três capítulos: o primeiro trata da revisão literária, em que se buscou abordar assuntos ligados ao surgimento da educação à distância e de como ela se desenvolveu no mundo e no Brasil ao longo dos tempos. Além disso, se discute como essa modalidade se configura e evolui no contexto da sociedade moderna. Nesse capítulo também, buscou-se, fazer um histórico da EaD dentro da UnB/UAB, tanto no contexto brasileiro quanto no contexto da Universidade de Brasília. O segundo capítulo traz a metodologia do trabalho, sendo que esta foi embasada na perspectiva qualitativa, dividindo-se em duas etapas: uma breve explanação sobre a análise de conteúdos e a segunda discutindo o

papel do questionário formulado para a pesquisa. No terceiro capítulo abordou-se a análise de dados, ou seja, buscando-se refletir sobre os dados coletados. Para finalizar apresenta-se as considerações finais, apontando os resultados gerados a partir dessa pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

“A inteligência e o caráter é o objetivo da verdadeira educação.” Martin Luther King Jr.

2.1 O QUE É A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A educação à distância (EaD) se configura em uma forma de educação mediada por tecnologias, em que os atores não estão fisicamente próximos. Mendonça (2010) explica que essa modalidade de ensino se constitui na formação em que as atividades de ensino-aprendizagem ocorrem sem que alunos e professores estejam no mesmo lugar, como acontece com a educação presencial. Concordando com Mendonça, Alves (2011) afirma que a EaD é uma:

Modalidade de educação efetivada através do intenso uso de tecnologias de informação e comunicação, onde professores e alunos estão separados fisicamente no espaço e/ou no tempo, está sendo cada vez mais utilizada na Educação Básica, Educação Superior e em cursos abertos (p.87).

As explicações feitas permitem que se perceba que a EaD deriva da evolução do tradicional ensino presencial institucionalizado na sociedade moderna. Para Lima Filho (2007), o conceito relativo a essa modalidade de ensino foi se transformando ao longo do tempo através da evolução e desenvolvimento humano aliado ao tecnológico. Para tanto, os meios didático-pedagógicos dos processos de ensino-aprendizagem foram sendo agregados aos meios e tecnologias de informação, como ressalta Faria e Salvadori (2010, apud GUAREZI, 2009). De modo geral, pode-se definir a EaD como uma forma de educação em que o aprendizado acontece com distância física e temporal, mediada por ferramentas tecnológicas que permitem a comunicação e a interação entre estudantes e professores.

No Brasil, a Lei nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, define a EaD como:

Uma forma de ensino que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação (p. 01).

Já no âmbito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a EaD é caracterizada pela realização de um processo de ensino-aprendizagem com mediação docente e de recursos didáticos sistematicamente organizados, que são apresentados em diferentes suportes tecnológicos de informação e comunicação, em que estes serão utilizados isoladamente ou combinados. Um importante aspecto que diferencia essas modalidades é que, na EaD estão dispensados os requisitos de frequência obrigatória vigentes para a educação presencial (BRASIL, 2002).

Mendonça (2010) explica que um número expressivo de cursos a distância são pautados em práticas pedagógicas ultrapassadas, que enfocam apenas aspectos informativos e instrutivos – quando deveriam se voltar para aspectos construtivos, criativos e reflexivos, ligados ao processo de aprendizagem e às questões que envolvem o desenvolvimento do conhecimento do aluno. Essas práticas ultrapassadas utilizadas por alguns cursos EaD são, também, consideradas motivos de preconceitos em relação à essa modalidade de ensino. Baseando-se nessa questão, pode-se dizer que os cursos em EaD seguem basicamente dois perfis, sendo um autoinstrucional e outro colaborativo ou sociointeracionista (MENDONÇA, 2010, p. 21).

Na modalidade com perfil autoinstrucional são utilizados materiais didáticos impressos, serviço postal, recursos de vídeo e áudio, e eventualmente recursos da *internet*. Com esse perfil, a modalidade se volta para a autoinstrução, em que o processo de aprendizagem se dá pela interação do aluno com conteúdo – e, se for necessário, o esclarecimento de dúvidas. O aluno conta com um suporte pedagógico em forma de tutoria. Moran (2000) salienta que a EaD está passando por um processo de transição, e que, em função disso, muitas instituições limitam-se a transpor para o virtual o que oferecem em cursos presenciais.

No perfil colaborativo, ao contrário do exposto anteriormente, a interação e a troca de informações entre professor/aluno são valorizadas e estimuladas. Através das tecnologias, os trabalhos colaborativo-cooperativos são instigados e se tornam mais dinâmicos. Utiliza-se a *internet* em larga escala, com a união dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVAs, como principais ferramentas de apoio ao processo de aprendizagem. Para Santos (2003), os AVAs agregam interfaces que permitem a produção de conteúdos com canais variados de comunicação, admitindo também o gerenciamento de banco de dados e controle total das informações circuladas no/pelo ambiente - o que permite que um grande número de alunos, geograficamente dispersos possam interagir em tempos e espaços variados.

Um dos AVAs mais utilizados atualmente é o MOODLE, um *software* educativo e gratuito que dá suporte a EaD, cuja principal vantagem está no gerenciamento do tempo – uma vez que os usuários podem adequar seus horários de estudo e trabalho. Além disso, esse ambiente de estudo permite a disponibilidade de materiais didáticos o mais variado possível.

Em se tratando das vantagens da EaD, são apontados por Mendonça (2010):

- a interação interpessoal;
- a possibilidade de se acompanhar o estudante;
- a possibilidade de o aluno controlar seu ritmo de estudo;
- o estímulo ao aluno com materiais criativos, atrativos, interativos e integrados; e
- a possibilidade de avaliação do aluno.

Além dos pontos citados, o ensino EaD também permite uma combinação eficaz entre estudo e trabalho, o que garante a permanência do aluno no AVA onde estiver, seja no trabalho, nos momentos de folga, em casa, em ambientes familiares e culturais. Nessa modalidade o aluno passa a ser sujeito ativo em sua formação, ou seja, na construção do conhecimento, fazendo com que o processo de aprendizagem se desenvolva de tal forma, que o ambiente de trabalho pode lhe fornecer a teoria e a prática - ao mesmo tempo em que liga experiências pelo contato direto com a atividade profissional.

Ao contrário da educação presencial, na EaD é o aluno que decide quando, como e onde estudar, ou seja, há uma flexibilidade de tempo e espaço. No entanto, essa flexibilidade exigirá muito mais autodisciplina por parte dele do que em cursos presenciais, e, nesse sentido, para estudar à distância são necessários o envolvimento com o estudo, disciplina para o estudo e organização do aprendizado, evitando o acúmulo de leituras e exercícios, a participação para que a integração e a interação aconteçam colaborativamente (MENDONÇA, 2010; ALVES, 2011).

Segundo Alves (2011), outra vantagem está no longo alcance e na diversificação do público alvo, possibilitando que alunos de locais distantes ou do interior dos estados, bem como aqueles que possuem algum tipo de limitação física possam ter acesso e avanço nos estudos, contribuindo para a universalização do saber e na eliminação de barreiras de espaço e tempo. Esses fatores abrirão caminho para a formação de um grande número de pessoas, que antes tinham dificuldades em se deslocar para estudar.

Quanto às desvantagens, Mendonça (2010) e Alves (2011) afirmam que a maior delas está no sentimento de isolamento, provocando o sentimento de solidão e na falta de motivação, causados pela distância física dos participantes da EaD. Esses fatores motivam o abandono do curso, ou seja a evasão. A esse respeito, Keegan (1991) ressalta que:

Separação física entre professor e aluno, que a distingue do presencial; influencia de uma organização educacional (planejamento, sistematização, plano, projeto e organização dirigida), que a diferencia da educação individual; utilizando de meios técnicos de comunicação para unir o professor ao aluno e disponibilizar os conteúdos educativos; previsão de uma comunicação-diálogo, e da possibilidade de iniciativas de dupla via, possibilidades de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização (p. 68).

No que se refere ao isolamento, é de suma importância o papel da tutoria para mediar as relações e diminuir as distâncias. Para tanto, o tutor precisa ser produtor, conselheiro e parceiro, como ressalta Brasil (2002). Deve-se levar em consideração, também, que as ferramentas interativas, no processo de educação, precisam favorecer a interação e a interlocução de todos os envolvidos com a EaD, propiciando a aprendizagem interativa em que há construção do conhecimento, como relata Ramos (2009). Para isso, é necessário passar por um processo de inclusão social e digital, embora a inclusão digital nem sempre possibilite a inclusão social.

Atualmente pode-se perceber o grande avanço das tecnologias ajudando a educação. Entretanto, o fato de se ter computadores e acesso a *internet*, simplesmente, não muda o processo de aprendizagem em si, mas sim o fato de utilizar essas ferramentas para pesquisas, comunicações e disseminação do conhecimento – como é a proposta da EaD.

Em muitos aspectos isso vem acontecendo e mudando o foco da educação que está saindo da mera transmissão de conhecimento, de ensino para o aprender, para o desenvolvimento do aprendizado em si. Com isso, o papel do professor também vem sofrendo mudanças. Ele não é mais um simples transmissor de conteúdos. Hoje seu papel passa a ser de gerenciador de pesquisa e comunicação, buscando que o aluno desenvolva a capacidade de aprender, de buscar conhecimento e sendo ao mesmo tempo, um aprendiz. Tais características marcam a EaD como um processo no qual muitos podem ter acesso, o que destaca o predomínio de adultos geograficamente distantes. Esse público tem como característica a valorização da autoaprendizagem. Outra delas é que esse aprendizado leva ao desenvolvimento da autonomia do sujeito, pois ele poderá definir o seu ritmo de estudos bem como a sua sequência.

A pedagogia voltada para o público predominantemente de adultos é caracterizada, por Lima (2006), como andragogia, que é a arte da educação de adultos – conceito adotado pelo norte-americano Malcom Knowles. No Brasil, a educação de adultos se fortaleceu como objeto de pesquisa científica através dos estudos de Paulo Freire e ultimamente vem ganhando

impulso com a expansão da EaD. Oliveira (2012) aponta que a andragogia é a “ciência da educação de adultos” sendo a arte de orientar os adultos a aprender. Concordando com os autores citados, Madeira (1999) salienta que:

A andragogia se apresenta como: a) uma visão clara e objetiva das especificidades da natureza do processo educacional de adultos distinguindo-as das finalidades e objetivos de uma educação de crianças e adolescentes; b) uma consideração do perfil mais determinado das características bibliográficas (SIC), psicoemocionais, econômicas, sociais e políticas dos adultos; c) uma atenção especial às circunstâncias e condições de vida, das experiências e das vivências dos adultos homens e mulheres trabalhadores no processo educacional (p.07).

Cabe salientar que durante a idade adulta os indivíduos possuem uma autonomia que diferencia o seu processo educacional. Essa educação deve apresentar objetivos e características voltadas para a realidade socioeconômica desses estudantes, objetivando uma melhora de suas vidas. Nesse contexto, a EaD é uma opção que agrega todos os requisitos para a educação de adultos, pois emprega uma metodologia baseada na aplicação de novas tecnologias da informação e comunicação – TIC’s, como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, não limita tempo, lugar, ocupação, ou mesmo a idade dos alunos, sem falar que permite a mediação do próprio aluno na interação com colegas, tutores e professores, promovendo trocas de informação e produção do conhecimento de forma colaborativa.

Essa abordagem indica que a metodologia da EaD proporciona um ambiente de construção e novos conhecimentos pautados pelo conforto do adulto dentro do seu lar, gerando, ao mesmo tempo, comportamentos novos, que podem resultar em modificações de hábitos, conceitos e métodos. Nesse contexto, Paulo Freire afirma que a EaD traz elementos que podem ser adaptados para a prática pedagógica dos adultos, ajudando-os a se expressarem de forma crítica e consciente através de uma proposta de educação contextualizada – que respeita o aluno adulto enquanto sujeito e formador de conhecimento, capaz de conhecer, analisar e transformar a realidade na qual está inserido. Pode-se afirmar ainda que, graças à EaD, a educação vem passando por uma reestruturação, na qual a *internet* e o computador são ferramentas que favorecem o aprendizado, tendo como pilares da Educação do Século XXI, conforme publicado pela UNESCO: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*.

A seção a seguir descreve o surgimento da EaD no mundo e no Brasil, retratando, em seguida, o histórico da universidade aberta na UnB, como um despontar para novas possibilidades históricas da educação.

2.1.1 Surgimento da educação à distância

As primeiras experiências com a educação à distância aconteceram de forma muito curiosa e se reportam aos primeiros anos depois de Cristo. Paulo, um dos apóstolos das Sagradas Escrituras, elaborou cartas, conhecidas como Epístolas de Paulo, a fim de ensinar as comunidades cristãs da Ásia Menor os fundamentos do cristianismo. Como não havia a possibilidade de que estas aulas se dessem presencialmente, elas aconteciam por meio dessas epístolas – ou cartas. A esse respeito, Peters (2003) relata que Paulo:

[...] Usou as tecnologias da escrita e dos meios de transporte, a fim de fazer seu trabalho missionário sem ser forçado a viajar. Isso já era claramente uma substituição da pregação e do ensino face a face, por pregação e ensino assíncronos e mediados. E foi uma abordagem baseada na tecnologia, ainda que "pré-industrial". Naquela época ninguém podia imaginar a importância crucial que viria a ser atribuída a esta abordagem por todo o mundo no século XX e, é o que parece, ainda mais no século XXI (p.29).

A experiência relatada permite que se perceba um modo muito peculiar de ensino a distância, pouco convencional nos dias atuais. Observando os anos/séculos que se seguiram, verifica-se que a educação a distância foi sendo embrionada de forma mais ampla. No século XVII, durante a Revolução Científica, ela se dava por meio de cartas contendo informações científicas. Essas, por sua vez, começaram a circular em 20 de março de 1728, quando o professor de taquigrafia, Cauleb Phillips, publicou, na Gazeta de Boston, um anúncio publicitário. Para Pereira e Moraes (2009), esse foi o marco da educação à distância. Segundo as autoras, no século XIX começa a acontecer aquilo que seriam os primeiros embriões da EaD: em meados de 1833 um anúncio publicado na Suécia fez referência ao ensino por correspondência e por volta de 1840 o professor Issac Pitman já trocava cartões postais em taquigrafia com seus alunos, como forma de aprendizagem.

Em 1856 a primeira escola por correspondência destinada ao ensino de línguas foi fundada em Berlim por Charles Toussaint e Gustav Langenscheidt. Posterior a isso, em 1873, Anna Eliot Ticknor fundou a primeira escola por correspondência dos Estados Unidos, a “Universidade Silenciosa” (*Society to Encourage Study at Home*), cuja particularidade era o incentivo ao estudo em casa - o que propiciou a inclusão principalmente das mulheres, através de trocas de cartas entre as estudantes e seus instrutores. Na Pensilvânia, em 1891, Thomas J. Foster iniciou o *International correspondence Institute*, com um curso de segurança do

trabalho de mineração, objetivando educar os mineiros para evitar a quantidade excessiva de acidentes nas minas.

Ainda em 1891 a Universidade de *Wisconsin* aceitou a proposta de seus professores para organizar um curso de extensão universitária por correspondência, e em 1892 a Universidade de Chicago, através do seu primeiro presidente, William R. Harper, criou a divisão de ensino por correspondência dentro do departamento de extensão. Por volta do ano de 1895, Joseph Willian Knipe, em *Oxford*, iniciou o curso de *Wolsey Hall* através de correspondências, o qual durante a Primeira Guerra Mundial foi uma grande fornecedora de cursos para as Forças Armadas Britânicas (hoje essa instituição oferece muitos outros cursos para estudantes do mundo todo pela *internet*). No ano de 1898, na Suécia, Hans Hermod, diretor de uma escola, começou a ministrar o primeiro curso por correspondência, o que resultou no *Instituto Hermod*.

Após a Primeira Guerra Mundial, em função do aumento da demanda social por educação e do aperfeiçoamento do correio com a agilidade dos meios de transporte, começaram a surgir novas iniciativas de ensino à distância, até que em 1922, a ex-União Soviética organizou um sistema de ensino por correspondência, que em apenas dois anos atendeu 350 mil alunos. Em 1939 a França criou o serviço de ensino postal para estudantes deslocados pelo êxodo. Naquela época, surgiu um novo meio de comunicação em massa: o rádio. Este, por sua vez, também foi bastante explorado no ensino formal através de programas de educação à distância, principalmente na América Latina, em países como Brasil, Colômbia, México e Venezuela.

Considerando a origem da EaD, pode-se dizer que ela está dividida em cinco gerações e características, segundo o mapeamento de Moore e Kearsley (2007), conforme exposto a seguir:

Quadro 1: Gerações da EaD

1ª Geração	2ª Geração	3ª Geração	4ª Geração	5ª Geração
Século XIX	Início do século XX	Década de 60	Anos 1980	A partir dos anos 1980
Ensino por correspondência	Transmissão por rádio e televisão (Tele educação - Tele cursos)	Universidades Abertas Ambientes interativos	Teleconferência Universidade virtual	<i>Internet</i> – Web

Fonte: adaptação a partir de Moore e Kearsley (2007, p. 26).

Moore e Kearsley (2007), mapeando a evolução da EaD, indicam cinco gerações, descrevendo-as como se segue: a primeira geração – no século XIX, teve o ensino pautado na

correspondência, caracterizando-se pela oferta de cursos que utilizavam material impresso e que chegava à casa dos alunos via correio. Esse modelo era denominado de “estudo por correspondência” ou “estudo independente” que se distinguia por ser uma educação à distância individualizada. A segunda geração ocorreu no início do século XX, ficando conhecida pelas transmissões por rádio e televisão. O rádio surgiu, no Brasil, como uma nova possibilidade para a educação à distância e a primeira rádio-escola foi criada por Roquete-Pinto, em 1923. Nos anos de 1950, surgiu a TV educativa. O rádio e a TV serviam para a transmissão de dados, contudo, quando o aluno tinha uma dúvida, esta era esclarecida via correio, telefone e, posteriormente, via *fax*.

Percebe-se que com o surgimento do rádio, e posteriormente da TV, o ensino deu um salto qualitativo rumo a EaD que atingiu, a cada vez, um maior número de adeptos. Alguns, mesmo sem estar formalmente matriculados, acessavam os programas educativos e ampliavam o conhecimento a partir desses canais. Muitos programas têm um alcance enorme até os dias atuais, como é o caso do Telecurso 2ª Grau, com 35 anos de atividades, e que atingiu cerca de 6 milhões de alunos ao longo de sua existência.

A terceira geração da EaD ocorreu durante a década de 1960 e ficou conhecida como geração das Universidades Abertas. Estas, por sua vez, se envolveram com a preparação de recursos humanos e com a integração das diferentes tecnologias disponíveis, a saber: material impresso; transmissões via rádio e TV; telefone; vídeos pré-gravados; conferências por telefone e os “*kits*” com materiais para experiências práticas a serem realizadas pelos alunos onde estivessem. As Universidades Abertas se caracterizaram como a estrutura básica de implantação das universidades à distância. Nessa geração houve uma preocupação com a reorganização das técnicas de instrução e um aprofundamento de estudos teóricos sobre essa modalidade de educação, trazendo reflexões sobre as experiências, bem como a busca pela ampliação do acesso tanto para estudantes universitários quanto para os demais.

As duas gerações seguintes são decorrentes do uso das novas tecnologias, particularmente dos recursos da *internet*, como ressalta Pereira e Moraes (2009). Apesar disso, uma particularidade da quarta geração, iniciada nos anos de 1980, é que ela se caracterizou pelo uso das teleconferências, ou seja, uma reunião à distância que se inicia com a audioconferência (transmissão somente de áudio) – e mais tarde utilizando a transmissão de áudio e vídeo. Ressalta-se que teleconferência é uma reunião realizada por pessoas distante geograficamente, que, utilizando as tecnologias para a transmissão de som e imagens têm as distâncias encurtadas e podem, assim, trocar experiências e informações em tempo real. A EaD utilizou essa tecnologia para a transmissão de aulas ao vivo, em que professores e alunos

estavam fisicamente distantes, mas podiam interagir. Esse modelo possibilita que um único professor dê aulas para centenas de alunos conectados através de um ambiente específico para essa finalidade.

Entre as décadas de 1960 e 1970 a educação à distância mesclou materiais escritos com aulas em áudio e vídeo em transmissões de rádio e TV. Mais tarde, essas aulas gravadas em fitas de videocassete eram enviadas via correios para a casa do aluno e atualmente utiliza-se a tecnologia de multimeios que combina textos, sons, imagens, hipertextos e instrumentos de gerenciamento da aprendizagem (como os *feedbacks*), para auxiliar o aluno em seus estudos através de programas tutoriais informatizados. Este último é o que chamamos de quinta geração: *Aprendizagem flexível inteligente*, que engloba as tecnologias da quarta geração, aliadas à comunicação via *internet*. Nela, o uso dos computadores em redes faz a integração de textos, áudios e vídeos em um portal de comunicação, com sistema de respostas automatizadas, além de acesso via portal a processos institucionais. Esta geração se diferencia das outras pela diminuição de custos e melhoria da qualidade da interação, como afirmam Moore e Kearsley (2007).

Para Kramer (1982), a educação à distância, inicialmente, foi utilizada como recurso que visava à superação das deficiências educacionais – como forma de educação compensatória. Aos poucos, como complementação da educação presencial. Atualmente, a educação à distância vem sendo usada por diversas faculdades e universidades, vista por muitos como uma modalidade de ensino alternativa, que visa à expansão, principalmente da educação superior, como é o caso da Universidade Aberta do Brasil, criada em 2005.

A história da EaD no Brasil começa por volta do ano de 1904. Durante os anos que se seguiram, em muitas tentativas, tentou-se instalar esta modalidade de ensino por meio do rádio, da TV e de institutos, como foi o caso do Instituto Universal Brasileiro, que utilizava os Correios como meio de contato com os alunos. Aos poucos, com o surgimento do computador e de outros aparelhos eletrônicos, estudar à distância se tornou ainda mais atrativo. Para Mendonça (2010), a expansão e o sucesso atual da EaD se deve especialmente pelo uso da *internet* conjugada com aparelhos eletrônicos, como é o caso do computador e dos *tablets* nos dias atuais. Nota-se, portanto, que os elementos informáticos, além de propiciar o estudo no conforto do lar, oferecem muitas opções de pesquisas que pode levar o estudante, seja ele adulto ou criança, ao aprendizado. Talvez seja possível afirmar, a partir dessa breve reflexão, que as tecnologias não estão mudando somente a história da EaD, mas toda a história da educação no Brasil e no mundo.

Ao abordar a questão da educação, Chassot (2003) afirma que “as nossas salas de aula de hoje estão expostas às interferências do mundo externo (p.90).” Sendo assim, é preciso que os profissionais da educação venham a “considerar a parcela de informações que nossos alunos e alunas trazem hoje à escola (idem)”. O autor destaca, ainda, que “temos que reconhecer que eles (alunos), não raro, superam professores nas possibilidades de acesso às fontes de informações (idem)” disponíveis na *internet*. Ao desconsiderar esses aspectos, “perde a escola, os professores e os alunos, pois a educação ficará excluída dos meios que transformam o planeta, onde a quantidade e a velocidade de informações fazem com que a escola pareça cada vez menor” (CHASSOT, 2003).

Frente a esse arsenal revolucionário, a EaD se transforma em uma ótima modalidade de ensino que vem crescendo assustadoramente. Estudos demonstram que entre os anos de 2003 e 2006 houve um aumento de mais de 571% nesta modalidade de ensino, o que fez com que as maiores universidades do Brasil – como a Universidade de São Paulo – USP e a Universidade de Brasília – UnB aderissem a ela. Essa adesão é motivada por razões que já se conhece bem: as ferramentas interativas, disponíveis nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA como o MOODLE, por exemplo, propiciam o aprendizado e promovem o processo de educação, favorecem a interação e a interlocução de todos os envolvidos com a EaD. Ao apostar nessa modalidade de ensino, as universidades acreditam que a aprendizagem interativa, que favorece a construção colaborativa do conhecimento, aconteça por meio das discussões, reflexões e das tomadas de decisões dentro do ambiente virtual (RAMOS, 2009).

Os tópicos a seguir demonstram, de modo mais detalhado, a evolução da EaD no mundo e, em seguida, mais especificamente no Brasil.

2.1.2 A educação à distância no mundo

Segundo Lopes *et al* (2007), a primeira experiência com cursos em educação à distância aconteceu em 1833 na Suécia, com o curso de contabilidade. Em 1840, a Inglaterra iniciou cursos por correspondência, e em 1843 criou a *Phonografic Corresponding Society*. O primeiro instituto de línguas por correspondência foi fundado na Alemanha, no ano de 1856. A Inglaterra, portadora de um modelo de ensino em educação à distância, fundou, em 1969, a *Open University*, que trazia um sistema de consultoria que auxiliava outras nações na implementação da educação à distância de qualidade, conforme destaca Lopes, *et al* (2007).

No século XIX, os Estados Unidos começaram com a educação à distância na *Illinois Wesleyan University*, e no século XX, no ano de 1974, o Paquistão iniciou a formação de professores na educação à distância por meio da Universidade Aberta *Allma Iqbal* (IKEDA E CAVALHEIRO, 2005, p. 57). A partir de 1980, as Universidades Abertas começaram a ser desenvolvidas em vários países, dentre os quais estão Sri Lanka, Tailândia, Indonésia, Índia, bem como na América Latina com o México, a Costa Rica, a Colômbia e o Brasil. Pelo que se sabe, a Austrália é um dos países que mais investem em educação à distância, o que ressoa na quantidade de estudantes matriculados nessa modalidade – o que supera os estudantes de cursos presenciais. Apesar disso, o país não tem universidades especializadas na modalidade.

Para clarificar os principais marcos históricos internacionais da EaD, apresenta-se, a seguir, essas informações em um quadro adaptado de Landim (1997):

Quadro 2: Marcos históricos sobre a EaD

1728	A Gazeta de Boston, em sua edição de 20 de março, oferece num anúncio: material para ensino e tutoria por correspondência;
1833	O número 30 do periódico sueco Lunds Weckoblad comunica a mudança de endereço, durante o mês de agosto, para as remessas postais dos que estudam "Composição" por correspondência;
1840	Um sistema de taquigrafia à base de fichas e intercâmbio postal com os alunos é criado pelo inglês Isaac Pitman;
1843	Funda-se a Phonographic Correspondence Society, que se encarrega de corrigir as fichas com os exercícios de taquigrafia anteriormente aludidos;
1856	Em Berlim, a Sociedade de Línguas Modernas patrocina os professores Charles Toussain e Gustav Laugenschied para ensinarem francês por correspondência;
1858	A Universidade de Londres passa a conceder certificados a alunos externos que estudaram por correspondência;
1873	Surge, em Boston, EUA, a Sociedade para a Promoção do Estudo em Casa;
1883	Começa a funcionar, em Ithaca, no Estado de Nova Iorque, EUA, a Universidade por Correspondência;
1891	Por iniciativa do reitor da Universidade de Chicago, W. Raineu Harper é criado um Departamento de Ensino por Correspondência; Na Universidade de Wisconsin, os professores do Colégio de Agricultura mantêm correspondência com alunos que não podem abandonar seu trabalho para voltar às aulas no campus; Nos Estados Unidos são criadas as Escolas Internacionais por Correspondência;
1894	O Rutinsches Fernelehrinstitut de Berlim organiza cursos por correspondência para obtenção do Abitur (aceitação de matrícula na Universidade);
1903	Julio Cervera Baviera abre, em Valência, Espanha, a Escola Livre de Engenheiros; As Escolas Calvert de Baltimore, EUA, criam um Departamento de Formação em Casa, para acolher crianças de escolas primárias que estudam sob a orientação dos pais;
1910	Professores rurais do curso primário começam a receber material de educação secundária pelo correio, em Vitória, Austrália;
1911	Ainda na Austrália, a Universidade de Queensland começa a experiência para solucionar a dificuldade causadas pelas enormes distâncias;
1914	Na Noruega, funda-se a Norst Correspondanseskole e, na Alemanha, a Fernschule Jena;
1920	Na antiga URSS, implanta-se, também, este sistema por correspondência;
1922	A New Zeland Correspondence School começa suas atividades com a intenção inicial de atender a crianças isoladas ou com dificuldade de frequentar as aulas convencionais. A partir de 1928, atende também a alunos do ensino secundário;
1938	No Canadá, na cidade de Victória, realiza-se a Primeira Conferência Internacional sobre a Educação por Correspondência;
1939	Nasce o Centro Nacional de Ensino a Distância na França (CNED), que, em princípio, atende, por

	correspondência, as crianças refugiadas de guerra. É um centro público, subordinado ao Ministério da Educação Nacional;
1940	Na década de quarenta, diversos países do centro e do leste europeus iniciam essa modalidade de estudos. Já por esses anos, os avanços técnicos possibilitam outras perspectivas que as de ensino meramente por correspondência;
1946	A Universidade de Sudafrica (UNISA) começa a ensinar também por correspondência;
1947	Através da Radio Sorbonne, transmitem-se aulas de quase todas as matérias literárias da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris;
1951	A Universidade de Sudafrica, única Universidade a Distância na África, dedica-se exclusivamente a desenvolver cursos a distância;
1960	Funda-se o Beijing Television College, na China, que encerra suas atividades durante a Revolução Cultural, o que acontece também ao restante da educação pós-secundária;
1962	Inicia-se, na Espanha, uma experiência de Bacharelado Radiofônico; A Universidade de Dehli cria um Departamento de Estudos por Correspondência, como experiência para atender aos alunos que, de outro modo, não podem receber ensino universitário;
1963	Surge na Espanha o Centro Nacional de Ensino Médio por Rádio e Televisão, que substitui o Bacharelado Radiofônico, criado no ano anterior; Inicia-se, na França, um ensino universitário, por radio, em cinco Faculdades de Letras (Paris, Bordeaux, Lille, Nancy e Strasbourg) e na Faculdade de Direito de Paris, para os alunos do curso básico; Duas instituições neozelandesas se unem (Victoria University of Wellington e Massey Agricultural College) e formam a Massey University Centre for University Extramural Studies da Nova Zelândia;
1968	O Centro Nacional de Ensino Médio por Rádio e Televisão da Espanha se transforma no Instituto Nacional de Ensino Médio a Distância (INEMAD);
1969	Cria-se a British Open University, instituição verdadeiramente pioneira e única do que ainda hoje se entende como educação superior à distância. Inicia seus cursos em 1971. A partir dessa data, a expansão da modalidade tem sido inusitada;
1972	Cria-se em Madri, Espanha, a Universidad Nacional de Educacion a Distancia (UNED), primeira instituição de ensino superior a suceder a Open University em nível mundial;
1974	Criada a Universidade Aberta de Israel, que oferece, em hebreu, cerca de 400 cursos em domínios variados;
1975	Criada a Fernuniversität, na Alemanha, dedicada exclusivamente ao ensino universitário;
1979	Criado o Instituto Português de Ensino a Distância, cujo objetivo era lecionar cursos superiores para população distante das instituições de ensino presencial e qualificar o professorado;
1988	O Instituto Português de Ensino a Distância dá origem a Universidade Aberta de Portugal;

Fonte: Cronologia da EaD no mundo e no Brasil.

Considerando o exposto no quadro 2 e fazendo-se uma análise do histórico da EaD pelo mundo, é possível observar que o desenvolvimento da modalidade de ensino tem proporcionado a ampliação do conhecimento cultural e intelectual em diversas partes do planeta. Observa-se que depois que a Gazeta de Boston, lançou, em 1728, o anúncio oferecendo material para ensino e tutoria por correspondência, já se passaram quase trezentos anos. Ao longo deste tempo, percebe-se que muitas conquistas e melhorias relativas a essa modalidade de ensino foram acontecendo. Contudo, a partir de 1970, com as criações das Universidades Abertas em vários países, a EaD tomou forma estrutural e institucional, mostrando-se apta para alcançar uma grande quantidade de alunos, bem como oferecer cursos com qualidade e reconhecimento, nacional e internacionalmente.

2.1.3 Educação à distância no Brasil

Como foi mencionado no início deste capítulo, a história da EaD no Brasil começa em 1904 com o uso da mídia impressa e por meio dos correios (MENDONÇA, 2010). De acordo com o autor, entre os anos de 1916 e 1918, Venerando da Graça realizou experiências com o cinema educativo e publicou artigos na revista “A escola primária”. Em 1922 aconteceu a criação do Prontel, uma coordenação de apoio à TelEducação no Brasil, de modo que no ano seguinte foi criada a Rádio Educativa Comunitária, que oferecia cursos em seus programas diários. Nesse ano foi criada também, a Fundação Roquete Pinto de Radiodifusão, que em 1926 publicou o primeiro plano nacional de rádio educativa, na revista *Electron*.

Mendonça (2010) informa que em 1934 Edgard Roquete-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal no Rio de Janeiro, na qual os alunos tinham acesso a folhetos e esquemas de aulas, sendo o contato com eles feito através dos correios. Dois anos depois, Roquete-Pinto doou a rádio para o Ministério de Educação e Cultura (MEC), e em 1936 foi fundado o Instituto Rádio Técnico Monitor, com programas voltados para o ramo da eletrônica.

No ano de 1939 houve um aumento na demanda dos cursos à distância, surgindo, em São Paulo, o Instituto Universal Brasileiro – que dois anos depois ampliou os cursos de formação profissional de nível elementar e médio, utilizando mídia postal e material impresso. A Marinha e o Exército adotam cursos por correspondência, e em 1947 surgiu a nova Universidade do Ar, tendo como patrocinadoras o SENAC, SESC e emissoras associadas – o que alcançou 318 localidades e 80 mil alunos. Durante o ano de 1950, na cidade de Marques de Valença, sob a direção do professor Geraldo Januzzi, começou um programa de alfabetização pelo rádio, conforme aponta Fávero (2006).

Durante a década de 1960, a Igreja Católica e o Governo Federal utilizaram o rádioeducativo, e na década seguinte surgiu o Projeto Minerva, que foi um convênio firmado entre a Fundação Padre Landell de Moura e a Fundação Padre Anchieta, visando a produção de textos e programas. Surgiu, também, a Fundação Roberto Marinho, que incluía um programa de educação supletiva para o primeiro e segundo graus. Mendonça (2010) afirma que em 1972 o Governo Federal enviou à Inglaterra um grupo de educadores, tendo à frente o conselheiro Newton Sucupira, a fim de demonstrar sua posição reacionária às mudanças do sistema educacional brasileiro – colocando grande obstáculo à implantação da Universidade Aberta e da educação à distância no país. Felizmente, entre as décadas de 1970 e 1980, surgiram fundações privadas e organizações não governamentais com ofertas de cursos supletivos à distância, tendo como modelo a teleducação, com aulas via satélite e *kits* de materiais impressos – marcando uma segunda fase da EaD no Brasil.

Mendonça (2010) salienta, ainda, que na década de 90 grande parte de instituições de ensino superior mobilizaram cursos na EaD, utilizando as novas tecnologias de comunicação e informação, criando Universidade Aberta do Distrito Federal (Lei 403/92). Com a expansão da *internet* no ambiente universitário, em 1994, deu-se início a uma série de legislações, que regulamentaram e normatizaram essa modalidade de ensino – já, que, até então, um dos preconceitos relacionados aos cursos EaD relacionava-se à falta de regulamentação. Em 1999 surgiram os primeiros cursos superiores regidos por lei no Brasil. Hoje são mais de 200 cursos reconhecidos pelo MEC. Nessa evolução, entre os anos de 2003 e 2006, houve um aumento de demanda de mais de 571% resultante da adesão de várias faculdades e universidades como é o caso da UnB, que em 2009 já contava com oito cursos educação à distância a disposição do aluno.

Para auxiliar na compreensão da evolução da EaD no Brasil, o quadro abaixo relaciona os principais marcos históricos nacionais, conforme Mendonça (2010):

Quadro 3: Marcos históricos nacionais

1923	Fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro;
1936	Doação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação e Saúde;
1937	Criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação;
1959	Início das escolas Radiofônicas em Natal (RN);
1960	Início da ação sistematizada do Governo Federal em EAD; contrato entre o MEC e a CNBB: expansão do sistema de escolas radiofônicas aos estados nordestinos, que faz surgir o MEB - Movimento de Educação de Base -, sistema de ensino a distância não-formal;
1965	Início dos trabalhos da Comissão para Estudos e Planejamento da Radiodifusão Educativa;
1966-1974	Instalação de oito emissoras de televisão educativa: TV Universitária de Pernambuco, TV Educativa do Rio de Janeiro, TV Cultura de São Paulo, TV Educativa do Amazonas, TV Educativa do Maranhão, TV Universitária do Rio Grande do Norte, TV Educativa do Espírito Santo e TV Educativa do Rio Grande do Sul;
1967	Criada a Fundação Padre Anchieta, mantida pelo Estado de São Paulo, com o objetivo de promover atividades educativas e culturais através do rádio e da televisão (iniciou suas transmissões em 1969); constituída a Feplam (Fundação Educacional Padre Landell de Moura), instituição privada sem fins lucrativos, que promove a educação de adultos através de tele-educação por multimeios;
1969	TVE Maranhão/CEMA - Centro Educativo do Maranhão: programas educativos para a 5ª série, inicialmente em circuito fechado e a partir de 1970 em circuito aberto, também para a 6ª série;
1970	Portaria 408 - emissoras comerciais de rádio e televisão: obrigatoriedade da transmissão gratuita de cinco programas semanais de 30 minutos diários, de segunda a sexta- feira, ou com 75 minutos aos sábados e domingos. É iniciada, em cadeia nacional, à serie de cursos do Projeto Minerva, irradiando os cursos de Capacitação Ginásial e Madureza Ginásial, produzidos pela Feplam e pela Fundação Padre Anchieta;
1971	Nasce a ABT - inicialmente como Associação Brasileira de Tele-Educação, que já organizava, desde 1969, os Seminários Brasileiros de Tele-Educação atualmente denominados Seminários Brasileiros de Tecnologia Educacional. Foi pioneira em cursos a distância, capacitando os professores através de correspondência;
1972	Criação do Prontel - Programa Nacional de Tele-Educação - que fortaleceu o Sinred - Sistema

	Nacional de Radiodifusão Educativa;
1973	Projeto Minerva passa a produzir o Curso Supletivo de 1º Grau, II fase, envolvendo o MEC, Prontel, Cenafor e secretarias de Educação;
1973 - 1974	Projeto SACI conclusão dos estudos para o Curso Supletivo "João da Silva", sob o formato de telenovela, para o ensino das quatro primeiras séries do 1º grau; o curso introduziu uma inovação pioneira no mundo, um projeto - piloto de tele - didática da TVE, que conquistou o prêmio especial do Júri Internacional do Prêmio Japão;
1974	TVE Ceará começa a gerar tele-aulas; o Ceteb - Centro de Ensino Técnico de Brasília - inicia o planejamento de cursos em convênio com a Petrobrás para capacitação dos empregados desta empresa e do projeto Logus II, em convênio com o MEC, para habilitar professores leigos sem afastá-los do exercício docente;
1978	Lançado o Telecurso de 2º Grau, pela Fundação Padre Anchieta (TV Cultura/SP) e Fundação Roberto Marinho, com programas televisivos apoiados por fascículos impressos, para preparar o tele-aluno para os exames supletivos;
1979	Criação da FCBTVE - Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa/MEC; dando continuidade ao Curso "João da Silva", surge o Projeto Conquista, também como telenovela, para as últimas séries do primeiro grau; começa a utilização dos programas de alfabetização por TV - (MOBRAL), em recepção organizada, controlada ou livre, abrangendo todas as capitais dos estados do Brasil;
1979-1983	É implantado, em caráter experimental, o Posgrad - pós-graduação Tutorial a Distância - pela Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior - do MEC, administrado pela ABT - Associação Brasileira de Tecnologia Educacional - com o objetivo de capacitar docentes universitários do interior do país;
1981	FCBTVE trocou sua sigla para FUNTEVE: Coordenação das atividades da TV Educativa do Rio de Janeiro, da Rádio MEC-Rio, da Rádio MEC-Brasília, do Centro de Cinema Educativo e do Centro de Informática Educativa;
1983-1984	Criação da TV Educativa do Mato Grosso do Sul; Início do "Projeto Ipê", da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e da Fundação Padre Anchieta, com cursos para atualização e aperfeiçoamento do magistério de 1º e 2º Graus, utilizando-se de multimeios;
1988	"Verso e Reverso - Educando o Educador": curso por correspondência para capacitação de professores de Educação Básica de Jovens e Adultos MEC/Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (EDUCAR), com apoio de programas televisivos através da Rede Manchete;
1991	O "Projeto Ipê" passa a enfatizar os conteúdos curriculares; A Fundação Roquete Pinto, a Secretaria Nacional de Educação Básica e secretarias estaduais de Educação implantam o Programa de Atualização de Docentes, abrangendo as quatro séries iniciais do ensino fundamental e alunos dos cursos de formação de professores. Na segunda fase, o projeto ganha o título de "Um salto para o futuro";
1992	O Núcleo de Educação a Distância do Instituto de Educação da UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), em parceria com a Unemat (Universidade do Estado do Mato Grosso) e a Secretaria de Estado de Educação e com apoio da Tele-Université du Québec (Canadá), cria o projeto de Licenciatura Plena em Educação Básica: 1ª a 4ª séries do 1º grau, utilizando a EAD. O curso é iniciado em 1995; A Universidade Aberta de Brasília é criada (Lei nº 403/92);
1995	Criado o Programa TV escola;
1996	Aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96);
1998	Aprovado o Decreto que regulamenta o art. 80 da LDB;
2001	Criação da Portaria nº 2.253 que regulamenta o art. 81 da LDB;
2002	Mais de 23 cursos de graduação em EaD solicitam certificação junto ao MEC;
2003	A Associação Brasileira de Educação à Distância (ABED) institui o Dia Nacional EaD: 27 de novembro;
2005	Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi criado pelo Ministério da Educação (MEC);

2007	Acontece o Primeiro Vestibular da UnB/UAB;
2008	175 Instituições são credenciadas pelo Governo Federal para ministrar cursos de graduação e pós-graduação <i>latu sensu</i> à distância.

Fonte: Cronologia da EaD no Brasil

Observando o histórico exposto, é possível perceber que a evolução aconteceu, de modo mais expressivo, com o advento da *internet*, pois ela proporcionou o aprendizado mesmo sem o suporte direto de professores – e a distância deixou de ser uma barreira impeditiva para a construção do conhecimento. Pereira e Moraes (2009) acrescentam que:

A educação à distância, vem se desenvolvendo em ritmo crescente na maioria dos países do mundo e a medida em que progride, os seus contornos vão se desenhando de acordo com a multiplicidade de propósitos que assume na sua trajetória, modificando-se continuamente em função das demandas sociais e da incorporação das novas tecnologias, com repercussões de ordem qualitativa da maior relevância (p.66).

Considerando o exposto, é possível constatar que houve a ampliação do conhecimento intelectual e cultural não só em nível internacional, mas, também, em nível nacional. Como destacam Costa e Silva (2004), a EaD vem se tornando um importante instrumento de democratização do saber, uma vez que possibilita o contato com ambientes ricos em informações, se propondo a fornecer um ambiente escolar com capacidade para a produção de novos conhecimentos. Nesse ambiente, o aluno, onde quer que esteja, pode selecionar, tratar e enviar qualquer tipo de informação. Além disso, é possível a comunicação entre indivíduos e grupos e a troca de informações entre eles, pois este ambiente educacional permite a colaboração, a interação e a coletividade, onde a aprendizagem assume a forma colaborativa como marca principal da EaD.

2.2 HISTÓRICO DA UAB E DA EaD NA UnB: O DESPONTAR DE UMA NOVA POSSIBILIDADE HISTÓRICA.

Devido ao crescimento da EaD no Brasil e da grande possibilidade de alcance que essa modalidade de ensino possui, ela se transformou em uma das maiores alternativas para se alcançar o objetivo de levar educação a uma boa parte da população. Para tanto, a Universidade Aberta do Brasil – UAB, se transformou em uma peça fundamental. O Sistema da UAB foi criado pelo Ministério da Educação – MEC, no ano de 2005, em parceria com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior - ANDIFES e Empresas Estatais, por ocasião do Fórum das Estatais pela Educação, onde o foco eram as Políticas e a Gestão da Educação Superior. A política pública de articulação entre a Secretaria

de Educação a Distância - SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância - DED/CAPES visava à expansão da educação superior, no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação - PDE.

O Sistema UAB está amparado em cinco pontos fundamentais que são:

- ✓ a expansão pública da educação superior, que deve considerar os processos de democratização e de acesso;
- ✓ o aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior;
- ✓ a avaliação da educação superior à distância, que deve estar baseado em processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC;
- ✓ o estímulo à investigação em educação superior à distância no País;
- ✓ no financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior à distância.

Esses aspectos demonstram que além de expandir a educação, a preocupação do MEC está em propiciar um ensino de qualidade, o que necessariamente passa pela democratização e acesso a essa modalidade de ensino, bem como pelo aperfeiçoamento de processos de gestão e avaliação. Segundo dados publicados pela UAB (2013), os primeiros cursos do Sistema UAB ocorreram em resultado da publicação de editais, nos quais se propôs a seleção para cursos de licenciatura em todo o Brasil. Atualmente, 88 instituições integram o Sistema UAB e entre elas estão as universidades federais, estaduais e Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia - IFETs. Entre 2007 e 2009, foram aprovados e instalados 720 polos de apoio presencial e 187.154 vagas foram criadas.

Ressalta-se que a modalidade a distância está presente em municípios em que a educação superior não atendia, ampliando a democratização. Nessa linha de pensamento, Fischer (2000) salienta que um dos principais objetivos da educação à distância é democratizar o acesso à educação inicial e continuada, proporcionando um aprendizado autônomo, incorporando qualidade e inovação ao processo de ensino-aprendizagem e impulsionando a educação continuada. Percebe-se, a partir do exposto, que o crescimento da EaD gera possibilidades de alcance nunca imaginados, o que pode ser usado para atingir grande número de pessoas da sociedade brasileira através de uma educação de qualidade pautada nas TIC's.

Dentro do contexto educacional da Universidade de Brasília – UnB, reconhecida como pioneira em iniciativas EaD, as primeiras experiências ocorreram com o Programa de Ensino à Distância – PED, que funcionou entre os anos de 1979 e 1989, através de uma parceria com a inglesa *Open University* - o que resultou em 14 cursos de extensão e beneficiou mais de dez

mil alunos. O PED foi transformado na Coordenadoria de Educação à Distância no ano 1985, sendo vinculada ao Decanato de Extensão e, em 1989, ocorreu outra transformação, passando a ser chamado de Centro de Educação à Distância - CEAD. No ano de 1994 a Faculdade de Educação – FE, ofereceu o primeiro curso de especialização em educação continuada e a distância. Ele foi ofertado via satélite no âmbito do Ministério da Educação e Desporto. Nesse mesmo ano foi implantada a Cátedra UNESCO de educação à distância pela FE, sendo parte de um plano de cooperação internacional de ação entre universidades, que objetivava incentivar o avanço da ciência e da transferência de conhecimentos através do intercâmbio entre especialistas de diversos países (UnB, 2013).

Entre os anos de 1991 a 1996, foi criado o projeto “O professor em construção”, voltado para o planejamento, produção de material e execução de cursos de pós-graduação à distância. Este projeto foi ofertado a professores da rede pública de primeiro grau, que atuavam no ensino de ciências e matemática. Contou com a participação multidisciplinar da UnB, com professores da FE, do Instituto de Biologia, do Instituto de Psicologia e do Departamento de Matemática. Segundo UnB (2013), em 1999 aconteceu a primeira oferta de curso de graduação à distância pela FE, através do programa PIE, que era um Curso de Pedagogia para professores em exercício, que atuavam no início da escolarização. O curso alcançou cerca de dois mil professores da rede do Governo do Distrito Federal - GDF. Em 2004 a UnB adotou o MOODLE, *software* livre, como ambiente de aprendizagem online, que hoje tem sido usado para apoiar tanto a oferta de disciplinas de cursos presenciais, quanto a dos cursos à distância.

No final de 2005 a UnB participou de dois editais lançados pelo MEC para a seleção de propostas de oferecimento de cursos de graduação na modalidade à distância pelo Programa UAB, no qual apresentou 11 projetos de cursos de graduação, pós-graduação (*lato sensu*) e extensão. Seis desses projetos foram aprovados para os cursos de graduação em nível de licenciatura: Artes Visuais, Música, Teatro, Letras/Português, Pedagogia e Educação Física. Em 2006 foi aprovado o Curso de Administração pela Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação - FACE, em um projeto intitulado Piloto, que previa o convênio com o Banco do Brasil, (UnB, 2013). Após essa participação, a UnB lançou seus fundamentos e deu os primeiros passos em direção à educação colaborativa. Dando continuidade a implementação de políticas educacionais, em 2006, a FE em parceria com a Secretaria de Estado de Educação do Acre, começou a ofertar o Curso de Pedagogia, com o objetivo de formar 800 professores da escola pública básica do Estado.

Em função das demandas com a implantação do Programa UAB, no início de 2007, a UnB começa a capacitar docentes para a EaD, dando início a um processo regular de formação continuada de professores para a atuação em cursos a distância. No segundo semestre desse ano aconteceu o primeiro vestibular destinado a selecionar candidatos para ingresso nos cursos de licenciatura na modalidade EaD da UnB/UAB. Nele foram oferecidas 1.080 vagas, distribuídas pelos seis cursos. Já no final do ano de 2008 foi realizado o segundo vestibular da UnB/UAB, sendo que, dessa vez, houve o acréscimo de mais dois novos cursos, o de Biologia e de Geografia, com mais de 1450 vagas distribuídas em vinte polos espalhados por oito estados brasileiros, (UnB, 2013).

No segundo semestre de 2009 abriram-se novas oportunidades na área de pós-graduação com os cursos de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar e, Especialização em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade e Cidadania, somando 850 vagas ofertadas em dez Polos. O terceiro vestibular aconteceu em 2010, foram ofertadas 1105 vagas e mais um novo curso, Administração Pública, que ofereceu 280 vagas distribuídas em cinco polos. Além desses, dois cursos de pós-graduação (Especialização em Gestão Pública e Especialização em Gestão em Saúde) foram iniciados no segundo semestre de 2010. Atualmente a UnB comemora a vitória das primeiras turmas formadas nessa modalidade, enquanto prepara a festa para a formação das turmas subsequentes. Em 2013 mais um vestibular aconteceu, sendo ofertadas 1585 vagas, distribuídas em nove estados brasileiros.

Pretende-se com as ofertas acima, que a EaD seja, cada vez mais, a combinação entre os resultados de processos educacionais e comunicação. Para que isso aconteça, é importante o acesso ao conhecimento e a ampliação da noção de ensino, o que vem ocorrendo através de recursos didáticos tecnológicos, por meio dos quais o aluno vem conseguindo, com autonomia, determinar o seu ritmo de ensino-aprendizagem (UnB, 2013).

2.3 PRECONCEITO X CRESCIMENTO DO ENSINO À DISTÂNCIA

Para se entender o preconceito *versus* o crescimento do ensino à distância faz-se necessário começar conceituando a palavra preconceito, que se forma com o prefixo “*pré*” que significa “antes, à frente”, mais o radical “*conceito*” que é de origem latina “*conceptus*” fazendo referência a “algo preparado, concebido”. Segundo Morete e Procopio (2011), a palavra preconceito significa “fazer uma escolha ou emitir uma opinião antes de conhecer os fatos” (p. 01), o que corrobora com o que apresenta o Dicionário Aurélio (1988):

Opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém, cujo teor é construído a partir de análises sem fundamentos, ou preconcebidas sem conhecimento e/ou reflexão”, diz ainda que é uma “forma de pensamento na qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejulgado”.

Ainda no dicionário mencionado, o preconceito é apontado como uma atitude de:

Repúdio demonstrado ou efetivado através de discriminação por grupos religiosos, pessoas e ideias, contudo pode-se referir também à sexualidade, à raça, à nacionalidade etc.

Junto ao preconceito, alinha-se a intolerância, que se caracteriza pelo comportamento que demonstra repúdio. Contudo, percebe-se que o preconceito é uma predisposição mental para pensar, sentir e agir, em relação a algum tema/assunto, que procede de experiências pessoais. Ela combina a reprodução de conceitos pré-concebidos oriundos dos pais, professores e amigos que possuem uma visão cristalizada, o que acaba por provocar comportamentos, conceitos e atitudes que geram intolerância, repúdio, discriminação, injustiça e violência. Pelo exposto, fica claro que o preconceito está presente nos relacionamentos humanos ao longo da história. A esse respeito, Pinheiro (2011) explica que:

A formação de preconceitos está atrelada à força da cultura sobre o indivíduo de não se voltar, reflexivamente, para a realidade, quer seja por perceber o sofrimento que essa realidade contém, quer seja por reconhecer essa cultura como instância que aponta para a universalidade humana (p. 201).

Trazendo para a realidade da EaD, Silva (2003) assegura que há preconceito em relação à EaD, por esta ser vista como inferior, em decorrência de iniciativas mal sucedidas que marcaram o início da modalidade no Brasil. Corroborando com essa questão, Martins (2006) explica que as Instituições Públicas de Ensino Superior – IPES, têm encontrado barreiras para sua institucionalização, principalmente por estar em segundo plano no rol das prioridades do país. Além disso, em sua visão, essa desconfiança com a EaD tem relação com a ideia de que tais cursos não tem qualidade. Corrêa e Santos (2009, p. 280, apud Vasconcelos, 2002). Destacam que:

[...] O preconceito é uma realidade frente a qualquer novidade. O que é preciso ser feito é realmente trabalhar a EaD de forma certa, pois só resultados conseguirão por um fim a estes preconceitos. Não acreditamos que seja uma forma de ensinar desprovida de problemas. Todavia, sabemos que se bem trabalhada, pode gerar frutos bons e de qualidade, sendo, portanto, uma grande aliada daquelas pessoas que precisam se formar ou se capacitar e não dispõe de tempo para frequentar uma instituição presencial (VASCONCELOS, 2002).

Além dessas questões, as autoras ressaltam, ainda, que se faz necessário identificar se realmente existe preconceito contra a EaD, bem como seus motivos. Neste sentido, essas informações podem permitir que se identifique a fonte de atitudes negativas, bem como propôs formas de se trabalhar para que o preconceito vá sendo dirimido com o tempo, fazendo com que a modalidade seja respeitada, vista de forma séria e aceita pela academia (CORRÊA e SANTOS, 2009). Medrado (2011) resalta que um dos maiores aspectos relacionados ao preconceito com essa modalidade se constitui em função do seu crescimento nos últimos anos, em especial nos cursos de graduação. Ele também relaciona o aumento nessa adesão à baixa qualidade de ensino, o que pode ter relação com a ausência de esclarecimentos e reflexões sobre a formação à distância. Observa-se posturas irrefletidas que notadamente culminam em preconceito e em atitudes de discriminação.

Netto e Giraffa (2012) destacam que outro fator que leva ao preconceito passa pelos professores, que em sua maioria não foram formados usando recursos tecnológicos, tendo, portanto, pouca ou nenhuma experiência com a modalidade de ensino-aprendizagem. As autoras destacam, ainda, que metade dos professores de cursos universitários atuou ou atua apenas em cursos presenciais, e a outra metade atua em ambos - cursos presenciais e EaD – o que demonstra o paradoxo de se ensinar de uma maneira pela qual não foram ensinados.

Sintetizando a questão do preconceito na EaD, Corrêa e Santos (2009) ressaltam que “o modelo tradicional presencial de ensino-aprendizagem constitui um paradigma difícil de ser quebrado” (p.293), inclusive por professores que trabalham com a EaD, o que muitas vezes, dificulta a adoção de condutas compatíveis com esse modelo que se propõe a EaD. O que demonstra a necessidade de uma formação específica dos professores que pretendem participar de cursos à distância.

Como destacam Corrêa e Santos (2009, p.281, apud MARTINS, 1998):

Estudar e pesquisar o preconceito é tarefa árdua, mas urgente. Árdua, porque quando se aborda o preconceito, também deve-se tratar de como os seres humanos apropriam-se da realidade e agem frente a ela. Urgente, porque o preconceito é uma construção deturpada da realidade, presente nas ações e emoções do cotidiano (MARTINS, 1998).

Diante do exposto, nota-se a importância de se estudar o assunto, não obstante ser uma tarefa árdua e urgente.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL:

Investigar os motivos do preconceito na Educação à Distância.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Promover reflexões sobre a história da EaD no Brasil;
- Investigar quais os motivos que levam ao preconceito e de suas implicações;
- Investigar se a educação a distância promove melhorias frente aos problemas educacionais do Brasil;

4. METODOLOGIA

“Não existem métodos fáceis para resolver problemas difíceis.”

René Descartes

Este estudo está baseado na perspectiva qualitativa e pretendeu: investigar os motivos do preconceito na Educação à Distância; promover reflexões sobre a história da EaD no Brasil; e investigar se a educação a distância promove melhorias frente aos problemas educacionais do Brasil. Para tanto, inicialmente foram selecionados materiais nas bases eletrônica de Periódicos da Capes, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, da Biblioteca Digital de Monografias da UnB e do Scielo. Em um segundo momento foram aplicados questionários aos alunos do Curso de Pedagogia da UnB, tanto da modalidade EaD quanto do presencial, visando fundamentar e produzir reflexões sobre os motivos do preconceito na educação à distância.

O tratamento dos dados obtidos por meio dos questionários se deu através da análise do conteúdo, objetivando interpretar a realidade social em que a EaD está inserida, através de informações contidas nas respostas dos alunos. Para facilitar a compreensão desse processo, explica-se, a seguir, a que se refere o processo de pesquisa a partir da análise de conteúdo. A esse respeito, Silva *et al* (2005, apud Trivinos, 1987) afirma que:

[...] a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/percepção (variáveis inferidas) das mensagens (p. 75).

Corroborando com o exposto acima, Moraes (1992) enfatiza que a análise de conteúdo é uma metodologia que busca descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos para que haja uma reinterpretação, atingindo, assim, uma compreensão que vai além da leitura comum, com o intuito de se chegar a uma teoria. Para tanto, a análise de conteúdo faz uso da indução e da intuição. O autor destaca ainda, que é necessário seguir alguns procedimentos próprios para o processamento de dados científicos, o que exigirá cinco etapas, conforme exposto a seguir: preparação das informações; unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição e interpretação das mensagens, em que ocorrerá uma compreensão mais profunda do conteúdo.

No que se refere às etapas, Silva, *et al* (2005, p. 75) destaca apenas três: pré-análise, onde a organização do material que será utilizada para a coleta de dados acontecerá; a descrição analítica, onde surgirá os quadros de referência; e a interpretação referencial, em que a análise com embasamento nos materiais organizados ao longo do estudo surgirá. Para tanto, Franco (2008) destaca que o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem que expressa as relações sociais e que tem implicações na vida cotidiana, influenciando a comunicação e os comportamentos pessoais e sociais. Neste sentido, a autora enfatiza que a análise de conteúdo se dá em um movimento de comparação textual que desencadeia em atividades intelectuais de interpretação e compreensão, que certamente refletirão os objetivos da pesquisa.

4.1 – CONTEXTO DE PESQUISA

O contexto da pesquisa se forma com os alunos do Curso de Pedagogia da UnB, duas turmas matriculados no Campus Darcy Ribeiro, na Disciplina Avaliação das Organizações Educativas, turno vespertino e na disciplina Seminário de Pesquisa, do turno noturno; e com alunos matriculados na UnB/UAB do curso a distância. Estes últimos fazem parte de quatro polos: Águas Lindas de Goiás, Carinhonha, Alto Paraíso e Goiás. No total, 24 alunos responderam a pesquisa via *email* e 21 responderam de forma presencial, o que formou um universo de 45 alunos participantes.

4.2 - PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os primeiros sujeitos participantes da pesquisa foram os estudantes da modalidade à distância, sendo que destes, 03 deles são do sexo masculino e 21 do sexo feminino. Quanto à faixa etária, a categoria está entre 28 e 53 anos, sendo 03 solteiros, 01 divorciado e 21 casados. Desse total, 01 se julga pertencente à classe média alta, 10 à classe média e 13 à classe média baixa. Diante do exposto, é possível perceber que os respondentes são, em sua maioria, do sexo feminino, com idade entre 30 e 50, casadas, de classe média baixa. O perfil apresentado tem consonância com os estudos de Souza (2012) que reforça principalmente o fato da maioria dessa população ser do sexo feminino.

Participaram, também, os alunos do curso presencial, sendo que destes, 02 são do sexo masculino e 19 do sexo feminino. A faixa etária está entre 19 e 32 anos e, destes, 17 são

solteiros, 03 são casados e 01 divorciado. Do total, 01 se julga pertencente à classe alta, 02 à classe média alta, 12 à classe média e 06 à classe média baixa. Presume-se, diante das informações coletadas, que o perfil do aluno presencial constitui-se, em sua maioria, por pessoas do sexo feminino, com idade entre 20 e 30, solteiras e de classe média. Essas informações corroboram com o que afirma Andifes (2011), principalmente no que se refere ao gênero e à idade.

Um aspecto interessante é, que, quando comparados, o perfil dos alunos EaD se diferencia no que se refere à faixa etária e à renda, demonstrando que a educação à distância se constitui, em sua maioria, por pessoas com defasagem no que se refere a idade-série. Isso pode demonstrar, inclusive, que há uma compensação em relação à modalidade.

4.3 - PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

4.3.1 Contatos iniciais

O questionário elaborado pela pesquisadora foi enviado por *email*, no dia 26 de setembro de 2013, a um total de 77 participantes, alunos do Curso de Pedagogia a distância da UnB/UAB, em especial para os polos de Alto Paraíso, Águas Lindas de Goiás e Carinhanha. Em um segundo momento, no dia 06 de outubro de 2013, outros 61 *emails* foram enviados. Do total de questionários enviados apenas 24 foram respondidos.

No dia 04 de outubro de 2013 foi realizada a aplicação do questionário a duas turmas do Curso de Pedagogia presencial do Campus Darcy Ribeiro da UnB. A previsão era de que o questionário fosse aplicado a 30 alunos da disciplina de Avaliação das Organizações Educacionais, ministrada no turno vespertino. Entretanto, o questionário foi aplicado a apenas 13 alunos, em função das faltas ocorridas no dia. Na disciplina Seminário de Pesquisa, do turno noturno, a previsão era que fossem aplicados 15 questionários, entretanto, apenas 8 alunos compareceram. Desse modo, foram respondidos, nessa ocasião, 21 questionários.

Diante disso, o universo pesquisado foi de 45 alunos do Curso de Pedagogia presencial da UnB e da modalidade à distância da UnB/UAB.

4.3.2 Instrumentos e técnicas

4.3.2.1 Questionário

Para a coleta de dados foi confeccionado um questionário contendo duas perguntas abertas abordando a temática do preconceito e da qualidade da educação à distância. A constituição do questionário se deu a partir das seguintes questões: “*O Senhor (a) acredita que a modalidade a distância sofre algum tipo de preconceito? Justifique*”; e “*O Senhor (a) acredita que os cursos na modalidade à distância têm qualidade? Justifique*”. Já as perguntas fechadas foram: *idade, sexo, estado civil, nível socioeconômico e renda familiar*, sendo que, para cada item, havia opções para que o respondente marcasse um “X” naquela que refletisse a sua realidade.

4.4 - PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

De posse dos questionários respondidos via email e daqueles que foram aplicados presencialmente, a pesquisadora imprimiu todos os materiais gerados, registrando-os em uma sequência numérica, de 1 a 45. Após essa fase, foi realizada uma leitura minuciosa de todas as informações construídas, sublinhando-se, com canetas coloridas, aquelas que eram iguais ou semelhantes em cada um dos questionários. Essa etapa foi importante, pois possibilitou a construção de categorias de análise, que serão melhor explanadas no capítulo a seguir.

O passo seguinte foi preparar a tabulação dos dados em uma tabela do *Microsoft Word*, com células para as perguntas abertas e fechadas; para a justificativa do respondente; para palavras-chaves e para o destaque de cada resposta. Além disso, foi criada outra célula para as observações feitas pelo respondente. A tabela construída pelo pesquisador teve como objetivo facilitar a análise dos dados e mais uma vez sublinhar as respostas que se igualavam em determinado padrão. As etapas informadas foram realizadas com os questionários enviados por *email*, assim como com aqueles respondidos presencialmente. As categorias de análise geradas a partir dessa análise estão expostas abaixo e serão explicitados melhor no Capítulo de Resultados:

1. Respondentes que acreditam que a EaD sofre algum tipo de preconceito;
2. Respondentes que acreditam na qualidade de cursos EaD;

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*“O resultado do pensamento não tem de ser o sentimento,
mas a atividade.”
Vicent Van Gogh*

A análise desenvolvida, neste capítulo, se propõe a utilizar as respostas das questões apresentadas nos instrumentos de pesquisa (apêndices A e B) aplicados aos alunos da UnB, matriculados no Curso de Pedagogia presencial e a distância. O estudo teve como objetivo principal investigar os motivos do preconceito na Educação à Distância; promover reflexões sobre a história da EaD no Brasil; analisar se há relação entre o preconceito e o crescimento dessa modalidade de ensino; e investigar se a educação a distância promove melhorias frente aos problemas educacionais.

Para apresentar os resultados oriundos deste estudo foram elaborados alguns quadros, como se pode observar nas páginas que se seguem. Além disso, as categorias de análise serão apresentadas de modo separado: inicialmente apresenta-se as opiniões dos alunos da EaD e, em seguida, aquilo que foi apontado pelos alunos do ensino presencial, tendo por base as categorias a seguir:

3. Respondentes que acreditam que a EaD sofre algum tipo de preconceito;
4. Respondentes que acreditam na qualidade de cursos EaD;

5.1 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: ALUNOS EaD.

A primeira questão apresentada buscou identificar se há ou não preconceito relacionado à modalidade de ensino a distância, segundo alunos do Curso de Pedagogia da UnB/UAB. O quadro a seguir apresenta o que os respondentes pensam a respeito dessa questão:

Quadro 4: Respondentes que acreditam que a EaD sofre algum tipo de preconceito

Acreditam que a modalidade a distância sofre algum tipo de preconceito.	Sim	Não
Nº de respondentes	24	0
Percentual	100%	0%

Nota-se, a partir do quadro 4, que 100% dos respondentes acreditam que a modalidade à distância sofre algum tipo de preconceito. Além disso, muitas respostas apontam para dois

ou mais motivos, os quais, na percepção dos respondentes, motivaram este preconceito. Dessa forma, as respostas foram subdivididas em seis categorias, de acordo com o exposto abaixo:

Quadro 5: Frequência de respostas

Frequência	Respostas
15	Os alunos EaD não aprendem, em função do ensino ser fácil, fraco, ineficaz ou, ainda, porque sua qualidade é baixa ou inferior ao ensino presencial.
05	As pessoas só acreditam no ensino presencial. Para elas, a EaD não tem credibilidade.
03	As pessoas estão desinformadas ou desconhecem o ensino. Sua metodologia e/ou sua qualidade.
03	O preconceito vem de pessoas que estudam ou já estudaram no ensino presencial.
03	Outras pessoas podem fazer as atividades no lugar do aluno EaD.
02	Os estudantes de cursos EaD só estão pensando no diploma.

Observando o quadro exposto, percebe-se que 15 dos respondentes apontam como principal motivo para o preconceito da modalidade de ensino a distância o fato de muitos acreditarem que os alunos não aprendem, seja por que o ensino é fácil, fraco, ineficaz ou, ainda, porque sua qualidade é baixa e/ou inferior ao ensino presencial.

Frente a essa realidade, Pereira e Moraes (2009) destacam que:

Vivemos um momento histórico, em que os antigos modelos educacionais já não se sustentam, porém os novos estão em processo de constituição e construção. Em nossa perspectiva, grande parte das resistências à EaD estão postas justamente neste negar o que era anterior e no construir novas alternativas educativas (p.83).

Essa resistência destacada pelas autoras é evidenciada pelo preconceito contra a modalidade, como apontam alguns respondentes através de recortes de suas falas:

[...] Chegaram até dar risadas quando citei que estava fazendo um curso de pedagogia à distância [...]. Ouço falar que estudar a distância é o mesmo que comprar diploma [...]. Não aprende nada [...]. É uma modalidade fácil. [...] Muitos acreditam que por meio desta modalidade os alunos não aprendem.

[...] Quando comentava com as pessoas que estava cursando, todos, sem exceção, faziam aquela cara de "há tá", mas é muito fácil [...]. As pessoas acreditam que nosso conhecimento é realizado em tábua rasa [...].

[...] Há pessoas que pensam que estudar a distância é brincar de estudar.

[...] Quando eu falo que estou estudando a distância eu observo uma certa incredulidade das pessoas, como se não tivesse valor o estudo a distância[...].

[...] As pessoas acreditam, equivocadamente, que os cursos à distância são mais fáceis e, por isso, “valem menos” que os cursos presenciais.

Diante do exposto, percebe-se que os alunos dos cursos a distância são coagidos através ironias; ouvem de outras pessoas que eles comprem seus diplomas; que não aprendem; que brincam de estudar; e que, sobretudo, investem em uma modalidade que não lhes garantirá uma formação consistente. Outro aspecto é que seus diplomas são considerados como um documento que tem menos valor do que aqueles que são emitidos através dos cursos presenciais. As falas dos alunos apontam para o preconceito enraizado, relacionado à cultura de que a EaD tem menos valor formal do que o ensino presencial. A esse respeito, Crochík *et al* (2009) destacam que o preconceito ocorre com certo número de pessoas pertencentes a determinados grupos, sobrevivendo de maneira estereotipada, sem, contudo, ter fundamento na maioria das situações.

Ainda com relação ao quadro, pode-se observar que 05 dos respondentes apontaram que o preconceito acontece por parte de pessoas que só acreditam no ensino presencial como forma de aprendizado, sendo que, para elas, a EaD não tem credibilidade. Esse aspecto fica melhor evidenciado nas falas a seguir:

*Muitas pessoas ainda acreditam que o ensino só acontece dentro de uma sala de aula, com um professor.
[...] Mesmo que a quantidade de cursos ofertados tenha crescido ainda não possuem a credibilidade de um curso presencial.
Existem ainda pessoas que [...] não conhecerem a metodologia [...] Tem ainda o pensamento que para aprender é necessário estar em uma sala de aula convencional. Dessa forma, não acreditam que é possível estudar e aprender de modo significativo.
A maioria das pessoas não acredita que o estudo a distância funcione.
[...] As pessoas pensam que quem vai a escola todos os dias aprende mais [...].*

Considerando o que foi exposto pelos alunos participantes, Martins *et al* (2011) ressaltam que a educação presencial não está conseguindo atender à demanda de formação e atualização profissional da presente época, sendo que, para as autoras, a evolução tecnológica busca oferecer novas possibilidades na área da educação. No entanto, faz-se necessário salientar que a sociedade precisa conhecer o que é o ensino a distância e qual é a sua estrutura metodológica, a fim de que falas como essas sejam ressignificadas. O ensino pode, sim, acontecer na ausência de um professor e diversas pesquisas tem demonstrado que o ensino a distância tem tanta credibilidade quanto o ensino presencial. Para três dos alunos participantes da pesquisa: “O preconceito [...] na maioria das vezes acontece por falta de conhecimento.”; “Existem ainda pessoas que [...] não conhecerem a metodologia [...]” e “ainda há muita desinformação quanto às reais possibilidades e os reais resultados da EaD”.

É interessante observar que os respondentes apontam que o preconceito normalmente vem daqueles que estudam ou já estudaram no ensino presencial, o que pode ser evidenciado nos recortes das falas abaixo:

*Existe preconceito principalmente dos alunos que estudam no presencial.
[...] O preconceito é maior entre pessoas que não tiveram contato com a EaD [...], principalmente por acreditarem que o ensino a distância não tem tanta eficácia quanto o presencial.
[...] Especialmente quando se refere àqueles que estudam ou já estudaram no ensino presencial. Há uma ideia equivocada de que o aluno a distância não aprende, ou aprende menos do que no ensino presencial [...].*

Nota-se que a ideia origina-se a partir da crença de que outros podem fazer as atividades no lugar do aluno EaD, e que, além disso, aqueles que estudam na modalidade só estão pensando na certificação. Vale ressaltar que dentre os motivos que justificam o preconceito com a EaD, os alunos apontam o fato de que trata-se de uma modalidade que não proporciona aprendizagem significativa, ou, pelo menos, não oferece oportunidade de construção do conhecimento como no ensino presencial. Diante disso, a educação à distância é vista como inferior ao ensino presencial.

As respostas dos entrevistados apresentou uma questão interessante, a qual tem relação com o quesito qualidade. Para exemplificar o que se fala o quadro a seguir demonstra que 100% dos respondentes acreditam que os cursos na modalidade à distância possuem qualidade.

Quadro 6: Respondentes que acreditam na qualidade de cursos EaD.

Acreditam que os cursos na modalidade a distância tem qualidade.	Sim	Não
Nº de respondentes	24	0
Percentual	100%	0%

Apesar disso, a frequência das respostas apontam que essa qualidade está condicionada a algum aspecto. Esses dados podem ser visualizados a seguir:

Quadro 7: Frequência de respostas

Frequência	Respostas
14	Tem equivalência com os cursos presenciais. (Enfoque nos cursos/instituições)
11	Promovem avanço intelectual e profissional, tanto em nível pessoal quanto social. (Enfoque nos resultados)
07	Exigem participação ativa do aluno. (Enfoque no aluno)

Diante do exposto no quadro 7, é possível perceber que 14 dos respondentes apontam que os cursos EaD possuem qualidade porque tem equivalência com os cursos presenciais, ou seja, o enfoque está nos cursos/instituições, como também é possível visualizar através das falas a seguir:

[...] Os cursos a distância tem qualidade. Posso falar com propriedade, uma vez que já fiz uma graduação na modalidade presencial e [...] a distância [...].
[...] Já fiz outros [...] de forma presencial e acho que os níveis [...] são bastante semelhantes [...].
[...]O aluno tem as mesmas informações que o aluno do curso presencial [...].
Tem qualidade e muita [...]. Estudamos todas as disciplinas que um aluno do curso presencial estuda [...].

A esse respeito Giolo (2010, apud Fredric Litto, 2009) ressalta que:

Seja na convencional opção presencial, seja na modalidade a distância, os critérios de qualidade no ensino superior devem ser iguais, levando o aluno aos mesmos propósitos: usar a informação com inteligência, aplicar o conhecimento adquirido na disciplina escolhida e em outras áreas, desenvolver espírito crítico e realizar pesquisa, além de comunicar-se com clareza (p. 114).

Consoante à fala do autor está a narrativa de um dos respondentes, o qual profere que “*[...] a qualidade está no modo como o curso é planejado [...] não esta na escolha da modalidade e sim no tipo de curso e na proposta pedagógica.*” Corroborando com as questões apontadas até aqui, as informações que constituem o quadro 7 demonstram que a qualidade se dá por promover avanço intelectual e profissional, tanto em nível pessoal quanto social, sendo que o enfoque está nos resultados, como se pode perceber nas falas a seguir:

Sou exemplo dessa modalidade. Depois que iniciei o curso várias portas se abriram. A minha vida profissional mudou completamente [...]. Faço o curso nesta modalidade [...] e percebo o meu avanço em relação a minha aprendizagem, tanto no ambiente profissional, tanto no pessoal.
[...] Poderá ajudar o Brasil a resolver os graves problemas com educação [...].
[...] Qualidade não se mede pela distância ou pela proximidade e sim pelos resultados.

Ainda que os resultados com a educação à distância não sejam muito relevantes quando comparados com a educação presencial, já que representam apenas 15% do total da educação brasileira – como aponta os dados do ENADE (2012) – os resultados sinalizam que

essa é uma modalidade que tem relevância na vida profissional desses alunos. Além disso, as informações geradas no quadro 7 também apontam que a qualidade tem relação com a participação ativa do aluno – o que não parece diferente da modalidade presencial. A fala de um dos respondentes realça com clareza aquilo o que a maioria expressou: “[...] *aos que realmente querem aprender [...] encontrará sim uma boa qualidade. Curso nenhum terá qualidade se não levado a sério [...]*”.

Depois de analisar os dados é possível perceber o que Morosini (2009, p.167) destaca como sendo a visão de qualidade educacional: “[...] A visão de qualidade tende ao conceito de isomorfismo e padronização, e são identificados diversos tipos e padrões de qualidade basicamente voltados ao mercado”.

Neste sentido, Delors e Eufrazio (2006) destacam que a qualidade é um conceito multidimensional, que envolve funções e atividades como o ensino, a pesquisa, a autoavaliação interna e transparente e uma revisão externa com especialistas independentes. Sendo assim, devem ser criadas instâncias nacionais independentes e definidas normas comparativas de qualidade, que levem em conta a diversidade e busque evitar à uniformidade, fruto da tendência pedagógica tradicional que ainda está cristalizada no modo como a sociedade percebe o processo educativo.

5.2 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS - ALUNOS PRESENCIAIS

Os alunos do ensino presencial também foram questionados a respeito do preconceito em relação à educação à distância. Para esse questionamento foram apresentados os resultados a seguir, compilados no quadro 8:

Quadra 8: Respondentes que acreditam que a EaD sofre algum tipo de preconceito

Acreditam que a modalidade à distância sofre algum tipo de preconceito.	Sim	Não
Nº de respondentes	21	0
Percentual	100%	0%

O referido quadro demonstra que 100% dos respondentes acreditam que a modalidade à distância sofre algum tipo de preconceito. Além disso, muitas respostas apontam para dois ou mais motivos, os quais foram subdividas em sete categorias, apresentadas a seguir:

Quadro 9: Frequência de respostas

Frequência	Respostas
15	Os alunos EaD não aprendem, em função do ensino ser fácil, fraco, ineficaz ou, ainda, porque sua qualidade é baixa ou inferior ao ensino presencial.
07	As pessoas só acreditam no ensino presencial, para elas, a EaD não tem credibilidade.
04	As pessoas estão desinformadas, ou desconhecem o ensino, sua metodologia e/ou sua qualidade.
04	Por não acontecer interação e relação interpessoal entre alunos e professores
04	Os estudantes de cursos EaD só estão pensando no diploma.
02	Não há comprometimento por partes dos alunos.
01	Os currículos dos cursos EaD são diferentes dos cursos presenciais.

De modo semelhante aos alunos da EaD, o quadro 9 demonstra que 15 dos respondentes apontam como principal motivo para o preconceito relativo à EaD o fato de as pessoas acreditarem que os alunos não aprendem, seja por que o ensino é fácil, fraco, ineficaz ou, ainda, porque sua qualidade é baixa e/ou inferior ao ensino presencial. A esse respeito os respondentes destacam que:

[...] Ter aulas sem as "trocas", sem os diálogos e com muita leitura sem o contato e discussão com outras pessoas torna o meu aprendizado muito mais difícil. Em um espaço virtual você tem agrupamentos, em um contato direto você tem grupos e o aprendizado é muito mais rico. A EaD deixa a desejar no quesito da maximização de conhecimentos, das trocas, das conexões com as pessoas.

[...] Por muito tempo a única forma de ter acesso ao conhecimento se deu de forma presencial [...].

[...] Não é um meio que recebe de imediato o resultado do aprendizado.

Algumas pessoas [...] acreditam que a sua qualidade seja inferior [...] aproveitamento menor [...].

[...] Por ser a distância varias pessoas tem preconceito quanto a qualidade do ensino [...]. Acreditam que o profissional [...] será um profissional menos qualificado.

[...] O curso presencial é mais "completo", pois há o contato direto [...].

[...] Cursos a distância são mais fáceis, com pouca teoria e com o currículo diferenciado dos cursos presenciais.

[...] Estamos presos a educação presencial como modelo de excelência educacional.

A fala dos respondentes demonstra que, em suas opiniões, a ausência de trocas em sala de aula, dificultam o aprendizado dos alunos; que a falta de contato com o professor não favoreça uma aprendizagem significativa; que a EaD não é um contexto que favoreça um resultado favorável ao aprendizado; que a qualidade e o aproveitamento dos alunos acontece de modo inferior; e que a excelência no ensino ainda está relacionada ao ensino presencial. Esses aspectos são contrários ao que afirma Fiorentini (2009) no que se refere ao ensino:

[...] Nem sempre a proximidade física garante qualidade ao ensino e à aprendizagem, a despeito de ser frequentemente presumida como intrínseca à educação presencial e ausente ou difícil de se conseguir na educação a distância (p. 146).

Ainda em relação às informações contidas no quadro 9, nota-se que as justificativas apresentadas pelos alunos para sustentar suas opiniões são diversas, embora pareçam pouco consistentes, já que não estão amparadas em argumentos que se relacionam às suas experiências em ambas as modalidades de ensino:

[...] Estamos acostumados com um ensino que historicamente foi feito presencialmente.

[...] Estamos presos a educação presencial como modelo de excelência educacional.

[...] Por muito tempo a única forma de ter acesso ao conhecimento se deu de forma presencial [...].

[...] O professore tem que estar presente.

[...] O curso presencial é mais “completo”, pois há o contato direto [...].

Considerando as afirmações dos participantes, nota-se que os motivos se dão, em sua maioria, por desinformação/desconhecimento do que seja o ensino a distância e sua metodologia. Esse aspecto fica evidente quando 03 respondentes apontam que o ensino EaD sofre preconceito por não acontecer interação e relação interpessoal entre alunos e professores. Além disso, outros 03 respondentes apontam como causa do preconceito o fato dos estudantes de cursos EaD só estarem pensando no diploma/certificado e de o currículo ser diferente daquele utilizado no ensino presencial – o que não é o caso dos cursos de licenciatura da UnB/UAB.

Com respeito à qualidade, também discutida pelos alunos do presencial, Dourado e Oliveira (2009) ressaltam que:

A qualidade da educação é um fenômeno complexo, abrangente, que envolve múltiplas dimensões, não podendo ser apreendido apenas por um reconhecimento da variedade e das quantidades mínimas de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem; nem, muito menos, pode ser apreendido sem tais insumos. Em outros termos, a qualidade da educação envolve dimensões extra e intraescolares e, nessa ótica, devem se considerar os diferentes atores, a dinâmica pedagógica, ou seja, os processos de ensino-aprendizagem, os currículos, as expectativas de aprendizagem, bem como os diferentes fatores extraescolares que interferem direta ou indiretamente nos resultados educativos (p. 205).

Nota-se uma grande contradição nas opiniões dos alunos. Ao mesmo tempo em que eles consideram a EaD uma modalidade frágil, incapaz de proporcionar uma formação consistente e significativa, por outro lado, apontam que tais cursos possuem qualidade, como é possível perceber no quadro abaixo:

Quadro 10: Respondentes que acreditam que os cursos EaD tem qualidade

Acreditam que os cursos na modalidade a distância tem qualidade.	Sim	Não	Não soube responder
Nº de respondentes	20	00	01
Percentual	95,2%	0%	4,8%

Para uma melhor análise, suas respostas foram subdivididas em três categorias que mostram os motivos pelos quais a EaD tem qualidade, na opinião desses alunos:

Quadro 11: Frequência de respostas

Frequência	Respostas
11	Tem equivalência com os cursos presenciais. (Enfoque nos cursos/instituições)
11	Exigem participação ativa do aluno. (Enfoque no aluno)
02	Promovem avanço intelectual e profissional, tanto em nível pessoal quanto social. (Enfoque nos resultados)
01	Não sabe.

Do total de participantes, 11 dos respondentes apontam que a qualidade dos cursos EaD tem equivalência com os cursos presenciais, ou seja, o enfoque está nos cursos/instituições. É possível identificar isso nas falas a seguir:

[...] Os métodos são os mesmo, não muda nada. Além do fato de você não precisar ir ao curso todo dia.

[...] Da mesma forma que os presenciais tem planejamento dos professores os a distância também tem.

[...] Acredito [...] que ambos possuem a mesma qualidade [...].

Entre aqueles que emitiram essas informações, nota-se que eles relacionam a qualidade dos cursos da EaD à participação ativa do aluno:

Acredito que quem faz a qualidade é o próprio educando [...] que devem aproveitar aquilo que lhe é oferecido e dedicar-se a fim de tornar os seus estudos de qualidade.

[...] Deve ser considerada junto ao esforço do aluno [...].

[...] Vai depender do compromisso [...] do estudante.

Ainda com relação aos dados apresentados, 02 dos respondentes afirmam que a questão da qualidade está relacionada à promoção de avanço intelectual e profissional, tanto em nível pessoal quanto social. Destes participantes, 01 não soube identificar os motivos pelos quais o ensino EaD tem qualidade. De modo geral, nota-se que a fala dos alunos relaciona o preconceito com uma suspeita de que os cursos não tenham qualidade, embora alguns deles tenham afirmado que tais cursos podem ter qualidade. Essa contradição, parece ter relação com o desconhecimento do que é essa modalidade de ensino. A esse respeito, um respondente do ensino presencial diz que:

Eu mesmo tenho preconceito [...] sei que ter aulas sem as "trocas", sem os diálogos e com muita leitura sem o contato e discussão com outras pessoas torna o meu aprendizado muito mais difícil. Em um espaço virtual você tem agrupamentos, em um contato direto você tem grupos e o aprendizado é muito mais rico. A EaD deixa a desejar no quesito da maximização de conhecimentos, das trocas, das conexões com as pessoas [...] Comparo a EaD como ir a uma biblioteca, pegar livros, levar para casa, escrever algo, lê-los e depois ganhar certificado por isso [...]. Até a chance do esforço e da pesquisa ainda é limitado se comparado ao presencial.

A fala destacada evidencia a ausência de conhecimento e a necessidade de estudos e divulgação do modo como acontece a EaD, bem como de sua repercussão na possibilidade de aprendizagem significativa dos alunos – sendo este um tema interessante para pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Quando pensamos, fazêmo-lo com o fim de julgar ou chegar a uma conclusão.”
(Carl Jung)*

A realização do presente trabalho, que envolveu a questão do preconceito *versus* o crescimento da educação à distância, buscou fazer uma discussão frente à realidade da UnB/UAB dentro do Curso de Pedagogia. Para tanto, foi feita uma revisão bibliográfica, a partir da qual foi possível traçar o panorama histórico da EaD no Brasil e no mundo, além de sua evolução no decorrer dos tempos.

Para tornar o estudo viável, foi utilizado o questionário como instrumento de pesquisa, aplicado em 45 estudantes do curso mencionado, visando investigar os motivos do preconceito na EaD. Ao mesmo tempo, foi estabelecido um diálogo entre vários autores, com vistas a estabelecer uma discussão entre aquilo que foi apresentado pelos participantes e aquilo que os estudos tem apresentado a respeito do crescimento da EaD.

Os resultados revelaram os motivos do preconceito, sendo que estes na opinião dos participantes, tem relação com o fato de que se acredita que os alunos da EaD não aprendem, seja por que o ensino é fácil, fraco, ineficaz ou, ainda, porque sua qualidade é baixa e/ou inferior ao ensino presencial. Outro aspecto mencionado, também como motivo, é de que a modalidade não proporciona aprendizagem significativa, ou, pelo menos, não oferece oportunidade de construção do conhecimento como no ensino presencial. Além disso, os participantes apontam que os alunos dos cursos a distância são coagidos através ironias; que ouvem de outras pessoas que eles comprem seus diplomas; que não aprendem; que brincam de estudar; e que, sobretudo, investem em uma modalidade que não lhes garantirá uma formação consistente.

Outra questão, que os participantes mencionaram, foi que os diplomas emitidos pela educação a distância são considerados como um documento que tem menos valor do que aqueles que são emitidos através dos cursos presenciais; e que o preconceito está enraizado, relacionado à cultura de que a EaD tem menos valor formal do que o ensino presencial. De modo geral, foi possível perceber que os motivos do preconceito com o ensino a distância se dá em função da rotulação de que o ensino seja fraco ou inferior ao presencial.

Espera-se que essa pesquisa possa colaborar para que o leitor faça uma reflexão sobre a realidade da EaD no Brasil, trazendo esclarecimentos sobre essa modalidade e sua evolução histórica, especialmente no que se refere aos cursos de licenciatura.

3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.”

(Paulo Freire)

Durante o Curso de Pedagogia tive a oportunidade de aliar teoria e prática adentrando o contexto escolar, principalmente durante os momentos de estágio supervisionado, o que acabou por despertar o desejo de atuar profissionalmente como pedagoga. Contudo, a experiência como estudante da educação à distância e com a produção do trabalho de conclusão do curso levou-me a desejar conhecer mais sobre essa modalidade de ensino tão emergente e promissora. Neste sentido, pretendo atuar na EaD e, para isso, vejo a necessidade de fazer uma pós-graduação, uma especialização em EaD e, até mesmo, futuramente o mestrado.

Além disso, tenho como plano de atuação futuro aprofundar minhas pesquisas no que se refere a esse estudo, com o intuito de expandi-lo no que tange a investigação dos motivos do preconceito na educação à distância, buscando, com isso, trazer, cada vez mais, esclarecimentos sobre essa modalidade de ensino e favorecendo, assim, o seu crescimento e fortalecimento. Nesse sentido, é importante enfatizar que a EaD vem se tornando um importante instrumento de democratização do saber, principalmente por possibilitar o contato com ambientes ricos em informações e por se propor ao desenvolvimento e produção de novos conhecimentos, como destacam Costa e Silva (2004).

Vale ressaltar, também, que a EaD é uma excelente ferramenta de inclusão, como destaca Bueno (2010), pois se pauta em princípios inspirados na coletividade, na valorização da diversidade humana, na solidariedade e na igualdade tão importantes para a inclusão social. Valendo-me de todos os aspectos levantados percebo a importância de continuar na vida acadêmica e dar continuidade a esse estudo.

REFERÊNCIAS

- ANDIFES, **Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das universidades federais brasileiras**. Brasília, 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Comissão assessora para educação superior à distância**, 2002.
- _____. Ministério da Educação. Secretária Executiva. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior 2011. Resumo Técnico**. Brasília, 2013.
- BUENO, M. A. F. **Inclusão social**. Goiânia, FUNAPE/CIAR, 2010.
- CHASSOT, A. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social**. [S.l.], [s.n.], 2003.
- CORRÊA, S. C.; SANTOS, L. M. M. **Preconceito e educação a distância: atitudes de estudantes universitários sobre os cursos de graduação na modalidade a distância**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.11, n.1, p.273-297, jul./ dez. 2009.
- COSTA, G. M. F. Q.; SILVA, K. M. F. **A democratização do conhecimento através da educação à distância**, [S.l.], [s.n.], 2003.
- DELORS, J.; EUFRAZIO, J. C. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2006.
- DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. **A qualidade da educação: Perspectivas e desafios**. Campinas, 2009.
- FARIA, A. A.; SALVADORI, A. **A educação à distância e seu movimento histórico no Brasil**. Revista das Faculdades Santa Cruz. Rio de Janeiro, 2010. In: GUAREZI, R. C. M;
- FÁVERO, O. **Uma pedagogia da participação popular**. Campinas, Ed. Autores Associados, 2006.
- FIORENTINI, L. M. R. **Aprender e ensinar com tecnologias, a distância e/ou em ambiente virtual de aprendizagem**. Ed. da UnB, Brasília, 2009.
- FISCHER, G. S. **Um ambiente virtual multimídia de ensino na WEB, com transmissão ao vivo e interatividade**. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- FRANCO, M. L. P.B. **Análise de Conteúdo**. Série Pesquisa. Líber Livro, Brasília 2008.
- GIOLO, J. **Educação a distância: tensões entre o público e o privado**. Campinas, 2010.

IKEDA, A. A.; CAVALHEIRO, C. **Reflexões sobre as contribuições do ensino a distância.** São Paulo, 2005.

KEEGAN, D. **Fonundtions Of Distance Education.** 2ª. ed. Londres: Routledge, 1991.

KRAMER, S. **Privação cultural e educação compensatória: uma análise crítica.** São Paulo, [s.n.], 1982.

LIMA FILHO, G. P. **Educação à distância: noções conceituais e a formação docente.** [S.l.], 2007.

LIMA, A. A. **Andragogia: A Aprendizagem nos Adultos.** [S.l.], [s.n.], 2006.

LOPES, M. C. L. P. ; SALVAGO, B. M. ; DORSA, A. C. ; PISTORI, J. ; SANAVRIA, C. Z. **. O processo histórico da educação a distância e suas implicações: desafios e possibilidades.** In: VII Jornada do HISTEDBR, 2007, Campo Grande. VII Jornada do HISTEDBR. Campo Grande: UNIDERP, 2007.

MADEIRA, V. P. C. **Para falar em Andragogia, Programa Educação do Trabalhador,** v. 2, CNI-SESI, 1999.

MARTINS, L. R. R. **Educação superior a distância no Brasil: uma construção consorciada e em rede.** Liinc em Revista, v.2, n.1, março 2006.

MARTINS, T. Y. C.; RIBEIRO, R. C.; PRADO, C. **Transdisciplinaridade na educação à distância: um novo paradigma no ensino de enfermagem.** Rev. Bras. Enferm. Brasília, 2011.

MEDRADO, A. E. **Relação com o saber, educação à distância e preconceito.** São Cristovão, [s.n.], 2011.

MENDONÇA, G. A. A. **Educação à distância.** Goiânia, FUNAPE/CIAR, 2010.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação à distância: uma visão integrada** – Edição especial ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

MORAES, R. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1992.

MOROSINI, M. C. **Qualidade na educação superior: tendências do século.** São Paulo, [s.n.], 2009.

NETTO, C; GIRAFFA, L. M. M. **Preconceito ou despreparo?** [S.l.], [s.n.], 2012.

OLIVEIRA, L. A. **Uma abordagem da andragogia freiriana na modalidade ead.** [S.l.], Batatais, 2012.

PEREIRA E. W; MORAES, R. A. **História da educação a distância e os desafios na formação de professores no Brasil.** Ed. da UnB, Brasília, 2009.

PETERS, O. **A educação a distância em transição: tendências e desafios**. Ed. Unisinos. São Leopoldo, 2003.

PINHEIRO, V. P. G. **Preconceito, moralidade e educação moral para a diversidade**. Rev. Bras. de Educação. São Paulo, 2011.

RAMOS, K. **Educação à distância provoca mudanças na gestão da aprendizagem e do conhecimento**, [S.l.], [s.n.], 2009.

SILVA, E. L. **Análise dos fluxos informacionais na ead: contribuições de um estudo de caso baiano**. [S.l.], Florianópolis, 2003.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método** Organ. rurais agroind., Lavras, v. 7, n. 1, 2005.

SOUZA, L. B. **Educação superior a distância: o perfil do “novo” aluno sanfranciscano**, [S.l.], [s.n.], 2012.

Sítios

ANDIFES, **Documentos**, disponível em: http://www.andifes.org.br/?page_id=12 acessado em 15/06/2013.

BRASIL, **Primeiros resultados - educação superior – 2012**, disponível em: http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/brasil-teve-mais-de-7-milhoes-de-matriculas-no-ano-passado?redirect=http%3A%2F%2Fportal.inep.gov.br%2F acessado em 22/09/2013.

MORAN, J. M. **O que é educação a distância?** Disponível em: <http://www.virtual.nuca.ie.ufrj.br/infoeducar/artigos/moran2.htm>. Acesso em 18/06/2013.

MORETE, J. C.; PROCOPIO, C. **Consultório etimológico**. PR, [s.n.], 2011. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/preconceito/> acessado em 10/07/2013.

MIT PRESS JOURNALS, **The new england quarterly**, disponível em: http://www.mitpressjournals.org/doi/abs/10.1162/TNEQ_a_00131?journalCode=tneq acessado em 15/06/2013.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **EaD, vantagens da educação à distância**. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/7671/ead-vantagens-da-educacao-a-distancia#ixzz2XeqXNNcg> acessado em 29/06/2013.

RODRIGUES, M. **Histórico do ensino à distância**, disponível em: <http://vestibular.brasile scola.com/ensino-distancia/historia.htm> acessado em 15/06/2013.

THE UNIVERSITY OF SCRANTON, **International Correspondence Schools of Scranton, Pennsylvania 1897-1996**, disponível em:

<http://www.scranton.edu/academics/wml/bk-manuscripts/ics-aid.shtml> acessado em 15/06/2013.

UNIVERSUS, **Conhecendo EaD**, disponível em:

<http://universus.datasus.gov.br/ead/ult1t1.php> acessado em 15/06/2013.

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, **Histórico**, disponível em:

http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9&Itemid=21 acessado em 15/06/2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA/EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA, **Histórico da EaD na UnB**, disponível em:

<http://www.ead.unb.br/index.php/institucional/historico> acessado em 15/06/2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, **Cronologia da EaD no Brasil**, disponível em:

<http://www.vdl.ufc.br/catedra/telematica/cronologia.htm#bras> acessado em 15 e 17/06/2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, **Histórico da EaD na UnB**. Disponível em

<http://www.ead.unb.br/index.php/institucional/historico> acessado em 15/06/2013.

WOLSEY HALL OXFORD, **A little history**, disponível em:

<http://wolseyhalloxford.org.uk/history-wolsey-hall.html> acessado em 15/06/2013.

APENDICE A: QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES DA MODALIDADE À DISTÂNCIA

*Preconceito X Crescimento da Educação à Distância no Brasil -
Uma discussão frente à realidade da UnB/UAB no curso de
pedagogia*

1.0 – Modalidades educativas

1.1 – O Senhor (a) acredita que a modalidade a distância sofre algum tipo de preconceito?

Justifique

1.2 – O Senhor (a) acredita que os cursos na modalidade a distância tem qualidade?

Justifique.

Observações:

2 - Dados socioeconômicos

2.1 - Idade: _____anos

2.2 - Sexo

() Feminino

() Masculino

2.3 - Estado civil:

() Casado

() Solteiro

() Divorciado

() Viúvo

() Outros

2.4 - Nível Socioeconômico:

() Classe desfavorecida

() Classe média baixa

() Classe média

() Classe média alta

() Classe Alta

2.5 - Renda familiar:

() De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00

- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.000,00

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO PARA OS ESTUDANTES DA MODALIDADE PRESENCIAL

*Preconceito X Crescimento da Educação à Distância no Brasil -
Uma discussão frente à realidade da UnB/UAB no curso de
pedagogia*

1.0 – Modalidades educativas

1.2 – O Senhor (a) acredita que a modalidade a distância sofre algum tipo de preconceito?
Justifique

1.2 – O Senhor (a) acredita que os cursos na modalidade a distância tem qualidade?
Justifique.

Observações:

2 - Dados socioeconômicos

2.1 - Idade: _____anos

2.2 - Sexo

() Feminino

() Masculino

2.3 - Estado civil:

() Casado

() Solteiro

() Divorciado

() Viúvo

() Outros

2.4 - Nível Socioeconômico:

() Classe desfavorecida

() Classe média baixa

() Classe média

() Classe média alta

() Classe Alta

2.5 - Renda familiar:

() De R\$ 678,00 até R\$ 1.090,00

- () De R\$ 1.091,00 até R\$ 1.635,00
- () De R\$ 1.636,00 até R\$ 2.725,00
- () De R\$ 2.726,00 até R\$ 5.450,00
- () De R\$ 5.451,00 até R\$ 10.900,00
- () Acima de R\$ 10.901,00
- () Acima de R\$ 20.000,00